

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A IMPORTÂNCIA DOS VALORES HUMANOS NA EDUCAÇÃO

CAMILA DE CASTRO CARVALHO

BRASÍLIA-DF, JUNHO DE 2014

Carvalho, Camilla de Castro.

**A IMPORTÂNCIA DOS VALORES HUMANOS NA
EDUCAÇÃO/ Camilla de Castro Carvalho:** Brasília: UnB. 2014.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) –
Universidade de Brasília, 2014. 73 p.

Orientadora: Sônia Marise Salles de Carvalho

CAMILLA DE CASTRO CARVALHO

A IMPORTÂNCIA DOS VALORES HUMANOS NA EDUCAÇÃO

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Sônia Marise Salles de Carvalho

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

**Profa. Dra. Inês Maria Marques Zanforlin Pires
de Almeida**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Luiz Villar Mella

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Brasília – DF, Junho de 2014.

TERMO DE APROVAÇÃO

CAMILLA DE CASTRO CARVALHO

A IMPORTÂNCIA DOS VALORES HUMANOS NA EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso defendido sob a
avaliação da Comissão Examinadora constituída por:

Profa. Dra. Sônia Marise Salles de Carvalho (Orientadora)

Profa. Dra. Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

Prof. Dr. José Luiz Villar Mella

Brasília – DF, Junho de 2014.

Dedico esse trabalho em primeiro lugar a minha família, que é a grande responsável por me apoiar nessa caminhada que se encerra na graduação da Universidade para seguir novos caminhos, às grandes amigadas que trilharam comigo esse caminho e a todos que de alguma maneira contribuíram para a minha chegada até o presente momento. Dedico também a todas as pessoas que assim como eu, acreditam na educação e se dedicam a ela com responsabilidade e amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter abençoado os meus caminhos, permitindo que eles pudessem dar frutos, por ter me dado sabedoria nos momentos difíceis e por ter me guardado e iluminado durante todo esse tempo possibilitando que eu chegasse onde estou hoje.

Agradeço também a minha família, à minha mãe, Angela pelo amor e apoio incondicionais, por ter se dedicado a mim e me educado e por ter acreditado em mim quando eu mesma não o fazia.

Agradeço ao meu pai, Geraldo pelo incentivo, por me ensinar a pensar grande, a enfrentar os desafios e pela disponibilidade durante todo o tempo de graduação.

Agradeço ao meu irmão, Felipe pelos ensinamentos sempre em busca do melhor e por ter contribuído dia a dia para a minha formação como educadora.

Agradeço ao meu cachorrinho, Balão pelos momentos de distração e pela companhia no decorrer desse percurso.

Agradeço à Profa. Dra. Sônia Marise por ter me recebido tão bem e pelo apoio e disponibilidade que foram essenciais para a efetivação e conclusão desse trabalho.

Agradeço à Profa. Dra. Lenora Gandolfi, pelos anos de trabalho no projeto de extensão da UnB e pela sua compreensão e suporte durante todo esse período.

Agradeço a todo corpo docente da Faculdade de Educação da UnB, por se dedicarem a essa tarefa tão admirável que é a de ensinar e por fazerem disso um propósito de vida.

Agradeço a todas as amigas que fiz no decorrer do curso, em especial, Amanda, Cássia, Carina e tantas outras que estiveram presentes em todas as etapas da minha formação, que dividiram comigo seus saberes, momentos de diversão, de nervosismo e contribuíram consequentemente para que eu tivesse uma formação mais enriquecedora em todos os sentidos.

Agradeço verdadeiramente a todos que foram citados e aos que não foram, mas que de alguma forma fizeram parte do meu caminho na graduação me ajudando a crescer tanto pessoal como profissionalmente.

Às vezes tenho a impressão de que escrevo por simples curiosidade intensa. É que, ao escrever, eu me dou as mais inesperadas surpresas. É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente de coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia.

Clarice Lispector

CARVALHO, Camilla de Castro. **A importância dos valores humanos na educação.** Brasília-DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho final de curso), 2014.

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de refletir acerca da importância dos valores humanos na formação de crianças em idade escolar e sua relação com a educação, tendo em vista que a crise social nas relações humanas da sociedade contemporânea é uma crise ligada principalmente a aparente ausência de valores. Compreendendo a infância como um período em que a criança estabelece as bases de sua personalidade e começa a desenvolver seu senso de moralidade, faz-se pertinente o trabalho com práticas que enfatizam valores com o intuito de proporcionar uma formação autônoma e cidadã. Para tanto foi feita uma revisão bibliográfica sobre o que tem sido produzido em relação ao tema que teve como suportes principais: Pedro Goergen (2010), Borges e Marturano (2012), Martinelli (1999), García e Puig (2010), Paulo Freire (2011), Jean Piaget entre outros. Essa investigação objetivou a análise de uma turma de crianças com idades entre 6 e 9 anos, no segundo semestre de 2013, que faz parte de um projeto do Decanato de Extensão (DEX) da Universidade de Brasília, para posteriormente propor práticas pedagógicas com ênfase em valores de acordo com a demanda encontrada. A pesquisa realizada foi a pesquisa-ação e teve como principais instrumentos a observação participante e uma entrevista estruturada com cinco crianças. Por meio da pesquisa foi possível aferir, a partir da mediação dos conflitos, sua menor frequência no contexto educacional, a melhora das relações de cooperação e solidariedade entre as crianças e a construção de atitudes autônomas e reflexivas.

Palavras-chave: Valores. Educação. Criança.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the importance of human values on the formation process of children in school age and their relationship with education, taking into consideration that the social crisis in human relations, in contemporary society, is a crisis mainly related to an apparent absence of values. Understanding childhood as a period when children build all the aspects of its personality and begin to develop his sense of morality, emphasizing values in order to provide autonomous and civic education is required for a complete and successful approach. In order to research the aspects of the theme, a bibliographic review on what has been produced about the theme found some well-known authors and contemporary thesis as Pedro Goergen (2010), Borges and Marturano (2012), Martinelli (1999), Garcia and Puig (2010), Paulo Freire (2011) and Jean Piaget. This essay aimed to analyze a class of children aged 6-to-9-year-old, in the second semester of 2013, part of a project from Decanato de Extensão (DEX) at Universidade de Brasília, to later propose pedagogical practices that could lead to a way of values development, according to each demand. The research method had as main instrument a participant observation and a structured interview with five children. The final survey results were satisfactory as it got demonstrated that an apparent reduction of conflicts took place in educational context, such as a development of autonomous and reflective attitudes and improvement of cooperation and solidarity between students.

Keywords: Values. Education. Children.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO	
MEMORIAL	14
A MUDANÇA DE CIDADE	15
O RETORNO A BRASÍLIA	17
TRAJETÓRIA NA UNIVERSIDADE	18
PARTE II - MONOGRAFIA: A IMPORTÂNCIA DOS VALORES HUMANOS NA EDUCAÇÃO	
INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO I	23
1.1 REFLETINDO SOBRE OS VALORES HUMANOS	23
1.2 VALORES HUMANOS NA EDUCAÇÃO.....	27
CAPÍTULO 2	36
2.1 DESCRIÇÃO DO CAMPO DE VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS	36
2.2 PLANEJAMENTOS PEDAGÓGICOS.....	39
2.3 DOS CONFLITOS AOS VALORES: ANÁLISE DOS RESULTADOS	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	68
REFERÊNCIAS	70
ANEXO A	72
ANEXO B	73

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de refletir acerca da importância dos valores humanos na educação bem como na sua relação com a formação de crianças em idade escolar e originou-se a partir dos problemas presentes na atualidade dentro do contexto escolar, envolvendo dificuldades de relacionamento e interação entre os sujeitos participantes desse espaço.

Entendendo alunos e professores como participantes ativos em seus espaços e considerando que os conflitos e os problemas de relacionamento sempre se farão presentes nos mesmos, faz-se necessária a busca de uma reflexão pautada em valores humanos em prol da conscientização e construção de atitudes que favoreçam a sua manutenção.

Esse trabalho tem como objetivo geral: Refletir acerca da importância dos valores humanos na formação das crianças em idade escolar e tem como objetivos específicos:

- Identificar a relevância do papel dos valores humanos nas práticas educativas;
- Verificar quais atitudes favorecem a construção e manutenção dos valores na formação das crianças;
- Apresentar práticas pedagógicas que auxiliem o processo de construção de valores;
- Investigar qual a percepção das crianças em relação aos valores a partir das práticas realizadas em sala.

Esse trabalho está estruturado em três partes: memorial (parte I), monografia (parte II) e perspectivas profissionais (parte III).

A primeira parte desse trabalho refere-se ao memorial educativo, no qual é feita uma descrição da trajetória escolar rumo à universidade, pontuando os principais aspectos que influenciaram a referida autora nessa caminhada. Nesta parte estão expressas as motivações e experiências universitárias que levaram a escolha do tema desse trabalho, bem como fatores marcantes presentes na trajetória educativa como um todo no decorrer dos anos.

A segunda parte desse trabalho consiste no referencial teórico, dividido em dois capítulos, que irá nortear as discussões relacionadas ao problema de pesquisa. No primeiro capítulo é feita uma breve reflexão histórica referente aos valores em geral, demonstrando as mudanças e alterações que seu significado sofreu ao longo do tempo, assim como é estabelecida uma

relação entre valores humanos e educação, tratando da infância, da importância de uma educação em valores e do papel do professor e da família nesse processo.

No segundo capítulo é apresentada a caracterização do campo de pesquisa e dos participantes, a metodologia e os instrumentos utilizados, os procedimentos realizados assim como o planejamento de oficinas com ênfases em valores humanos, o relato das observações, as experiências com as práticas pedagógicas dentro de sala e a análise dos resultados obtidos.

A terceira parte consiste nas perspectivas profissionais da autora, trazendo uma reflexão acerca de seus planos e projetos para o futuro.

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

MEMORIAL

Recordar o meu processo educacional é uma tarefa bastante complicada, talvez porque tenho poucas memórias do início de minha escolarização. Tenho a sensação de que comecei a escola na segunda série, pois lembranças dos anos iniciais simplesmente se esconderam na imensidão de meus pensamentos. Ao forçar um pouco a minha memória alguns lances do começo de tudo surgem meio embaçados, meio confusos e já puxam outros permitindo com que aos poucos eu consiga acessar esses momentos aparentemente esquecidos no tempo. Dessa forma, inicio a narrativa do meu processo educativo, relembro fatores que me marcaram de maneira positiva e negativa e conseqüentemente contribuíram para a pessoa que me tornei hoje.

Nascida e criada em Brasília, eu posso dizer que vivenciei muitas experiências diferentes no meu processo educacional e de desenvolvimento pessoal. Durante a minha formação, do maternal ao ensino médio, passei por 8 escolas diferentes, sendo 3 delas da sétima série ao terceiro ano. No meio da sexta série mudei de cidade, Cuiabá, e permaneci até segundo ano do ensino médio, quando retornei a Brasília e me formei posteriormente.

A minha primeira escola era em frente ao prédio em que eu morava, ela se chamava Pedacinho do Céu e lá passei por muitas experiências tanto boas quanto ruins. Sempre fui uma criança muito tímida e envergonhada, isso de certa forma prejudicava meu relacionamento com outras crianças na escola.

Entrei na escola aos 4 anos de idade, por isso a transição do jardim II para o jardim III, como eram chamados na época, minha mãe preferiu que eu não fizesse por medo de eu ser muito novinha. Portanto, repeti uma série no maternal. Passei por diversas situações na primeira escola e uma delas me marcou muito, eu sempre chegava a casa machucada, toda mordida e por ser uma criança muito tímida não contava pra ninguém quem havia me machucado. Eu não sei ao certo as conseqüências dessa experiência hoje em dia, mas lembro de que ainda nessa escola cheguei a me rebelar por um tempo e a descontar minha raiva nas crianças que se aproximavam de mim.

No pedacinho do céu, fazia parte da “turminha do chocolate” e comecei a entrar em contato com o mundo encantador da imaginação. Do pouco que me lembro, sei que sentávamos em círculos com as pernas cruzadas ou deitávamos no colo de algum coleguinha e daquele momento em diante eu era transportada a outro universo distante e fantasioso.

No jardim III, mudei de escola, de uma particular para uma pública e fui muito feliz nessa escola. Acredito que tenha iniciado meu processo de alfabetização nessa fase. Foi também nessa escola que comecei a me apaixonar pela leitura, para minha sorte a minha sala ficava ao lado da biblioteca, que passou a ser frequentada por mim quase que diariamente em função do tempo livre que me restava todos os dias ao esperar a van escolar me buscar.

Na 2ª série mudei mais uma vez de escola e dessa vez no mesmo ano estive em duas diferentes. Apesar da falta de continuidade, não vi nessas mudanças grandes impactos negativos na minha educação. A 2ª série para mim foi a melhor de todas, tive uma professora incrível, atenciosa, simpática e muito eficiente. Gislene me incentivava a escrever e fez de mim uma apaixonada por redações e criação de histórias. Até mais ou menos a 4ª série eu dificilmente pegava um livro para estudar português, era sempre a matéria que eu achava saber “naturalmente” e sempre deu certo. Foi a primeira vez que me identifiquei muito com uma professora, ela era doce e não compartilhava de atitudes rudes com os alunos e aqui eu já estava no Colégio Militar Dom Pedro II.

As minhas experiências no Colégio Militar foram muito boas, apesar de ter tido alguns professores que me influenciaram negativamente por serem muito arrogantes e rígidos. No entanto, vários outros fizeram de mim uma aluna melhor, mais tranquila para me expressar e com mais facilidade de aprender. Infelizmente, nessa escola perdi uma professora muito querida, que veio a falecer muito jovem no meio do ano letivo. Esse acontecimento me impactou muito, até então, eu não via a morte como algo que poderia acontecer próximo a mim. O Colégio Militar me enriqueceu muito em termos de disciplina, de amor à Pátria, respeito, dedicação. Lá eu passei quatro felizes anos até que no meio do ano de 2004 minha mãe foi promovida no trabalho e transferida de cidade e conseqüentemente minha vida mudaria mais uma vez.

A MUDANÇA DE CIDADE

Quando mudei de cidade, minha vida mudou completamente, assim como meus hábitos. A primeira drástica mudança foi a que tive que morar por pouco mais de um mês em

um hotel da cidade enquanto minha residência ainda não estava definida. Na escola essa realidade não foi diferente, fui matriculada no Colégio Salesiano São Gonçalo, que primava por um bom ensino e era uma escola religiosa. A minha adaptação ao colégio foi bastante tranquila, fui muito bem recebida tanto pelos professores como pelos alunos.

Independente das escolas nas quais já estive, que foram muitas, as minhas disciplinas prediletas sempre foram educação física, uma vez que sou fanática por esportes, artes porque sempre amei a arte do desenho e da pintura e história, uma disciplina na qual sempre fui bem na escola. No entanto, também tinham aquelas que sempre foram uma pedra no meu caminho, nos anos iniciais, a matemática e no ensino médio a física.

No Salesiano fiquei conhecida pelas minhas habilidades esportivas, nas olimpíadas ganhei diversas medalhas de ouro dentre esportes coletivos e individuais como atletismo. Depois de cerca de três anos estudando no Salesiano, no meio do primeiro ano do ensino médio, resolvi que queria mudar de escola. Com amizades desgastadas e decepcionada com alguns professores que não tinham compromisso com o ensino, decidi que era hora de mudar.

Assim, mais uma vez lá estava eu, sendo a nova aluna da escola e entrando no meio do ano letivo. Em Cuiabá posso dizer que tive os melhores professores que eu poderia imaginar. O Maxi, escola para qual me mudei, era um colégio rígido e que prezava muito pelo conhecimento e, portanto, tive professores muito bem preparados. Nessa escola, aprendi a gostar de matemática e química, mas foi difícil pra mim porque por ser uma escola que focava no vestibular e nos números altos de aprovação não havia espaço para artes e nem educação física. Por isso, fiquei dois anos numa instituição de ensino sem ter as disciplinas que eu considerava favoritas na escola.

Por estar distante de Brasília e vivendo em um contexto completamente diferente do da Capital Federal, tive pouco acesso a informações relacionadas ao PAS (Programa de Avaliação Seriada), no primeiro ano, sei que a escola se disponibilizou a levar alguns alunos para fazerem a prova em Brasília, mas sem saber direito do que se tratava e sem muitas informações, não me interessei em fazer a prova. No segundo ano do ensino médio, não me recordo de ter ouvido falar nada sobre o PAS e assim mais uma vez deixei passar essa oportunidade.

O RETORNO A BRASÍLIA

Em setembro de 2008, recebi a notícia de que voltaria a morar em Brasília. Assim como os clichês de finais de contos de fadas mais uma vez o meu destino iria se repetir, a mudança de escola seria inevitável e eu me formaria em Brasília. Saí da escola em outubro de 2008, passada de ano e sem ter que fazer as últimas provas do bimestre. De certa forma, eu estava feliz, queria voltar a Brasília, voltar a morar perto da minha família, que, diga-se de passagem, é muito grande e animada e experimentar novos ares mais uma vez.

Na volta a Brasília, depois de pesquisar alguns colégios, fui matriculada no Colégio Notre Dame localizado na Asa Sul. Em 2009 lá estava eu, em um novo colégio, com novos desafios, cursando o último ano do Ensino Médio. O meu terceiro ano foi um dos mais inesquecíveis do meu percurso escolar. Além de ter sido o ano em que conheci a UnB e comecei a minha caminhada rumo ao meu novo sonho. Impedida de fazer o PAS, por ter perdido as duas primeiras fases, sabia que só teria uma oportunidade no vestibular.

O fim do ano se aproximava e a angústia do curso que eu escolheria para a vida me afrontava. Eu não sabia o que queria, não fazia ideia, mas meus pais sabiam o que queriam e eu até acreditei que queria o mesmo que eles, direito. Chegou o fim do ano, eu estava formada coloquei direito no vestibular. No dia do resultado, a decepção, eu não havia passado, depois de horas chorando pelo fracasso, me peguei pensando no que realmente eu gostaria de fazer.

Para uma apaixonada por esportes talvez a Educação Física fosse uma boa opção, para uma apaixonada por artes, talvez as cênicas, a psicologia também era um caminho que me agradava muito, mas no fundo o que sempre esteve dentro de mim foi a vontade de ser professora. Recordando meus tempos de criança e até meados da minha adolescência, não existiu um momento em que eu não estivesse brincando de riscar as paredes, de fazer a professora, de corrigir tarefas e exercícios, de ler histórias para os outros. Sim, essa era a minha brincadeira favorita, brincar de ensinar.

Refletindo sobre o meu processo educacional também me deparei com situações que influenciaram negativamente como aluna. Foram muitos os momentos em que me senti intimidada, com medo e com vergonha dentro de sala de aula e a possibilidade de fazer diferente me instigava.

Os meses se passaram e no meio do ano de 2010 lá estava eu, diante de mais uma oportunidade de fazer o vestibular, mas dessa vez para o curso que eu havia escolhido. Em

agosto de 2010 saiu o tão aguardado resultado, dessa vez eu havia passado e toda a tristeza pelo vestibular anterior se transformou em alegria por finalmente estar entrando na universidade.

TRAJETÓRIA NA UNIVERSIDADE

Em setembro do ano de 2010 iniciei minha trajetória na Universidade de Brasília. Com a alegria de uma nova caloura na universidade também veio o medo, o medo do novo, do desconhecido, do até então sonhado sonho e agora realizado.

O primeiro semestre foi um pouco medonho, talvez eu não tenha dado sorte com um ou outro professor, mas ele serviu também pra me fazer uma grande apaixonada pela UnB. No semestre seguinte a adaptação foi mais tranquila e pela primeira vez entrei em um projeto do Decanato de Extensão (DEX) no qual estou até hoje. O projeto do DEX tem um cunho social e fortalece a prática do educador em espaços educativos fora da escola com crianças de famílias de baixa renda e acontece no assentamento do Recanto das Emas.

No 3º semestre entrei no projeto 3 e por desconhecer a quantidade de projetos com os quais eu poderia me identificar, entrei no projeto “Ateliê de projetos: diálogo universidade – escola”, no qual fiz as duas fases. Depois de dois semestres me vi querendo outra coisa, esse projeto era focado na educação infantil e foi feito em uma escola particular do Plano Piloto. No decorrer dos semestres aprendi muito, de tudo um pouco, da prática em sala de aula, dos cuidados com as crianças, dos valores dentro de sala, do trabalho que é ser um educador. O que pude aproveitar do projeto 3 foi a experiência que tive dentro da escola e que me enriqueceu muito como estudante de pedagogia, no entanto, paralelo a esse projeto eu tinha o projeto do DEX, que me mostrava uma realidade completamente diferente da que eu até então conhecia.

A realidade que se apresentava para mim no projeto social era em uma invasão do Recanto das Emas com crianças, em sua maioria, advindas de famílias de baixa renda, demonstrando ausência de valores, de respeito com o próximo, mas sem muitas más generalizações, um lugar cheio de sonhos, de diversidade, de crianças inteligentes, criativas e acima de tudo aberto para uma prática educativa diferente de qualquer outra que eu poderia imaginar.

Sendo assim, busquei um projeto 4 com o qual eu pudesse me identificar e sentir que eu poderia fazer a diferença. Meu projeto 4 fases 1 e 2 foi voltado para os processos de socialização em espaços educativos fora do espaço escolar. A minha experiência, fora do contexto da escola, mas sempre situada num contexto educacional, durante esse tempo foi imprescindível para que eu soubesse o que eu queria pra mim dentro da universidade.

Após ter experienciado vivências dentro e fora da escola e ciente do que eu poderia fazer como educadora me decidi por fazer aquilo que eu acredito e buscar numa educação baseada em valores humanos e sociais um caminho para a cidadania.

Portanto, ao final do curso de Pedagogia, eu desejo mostrar para as pessoas a importância da constituição de valores na formação de crianças em idade escolar e as contribuições futuras que uma educação pautada no respeito, na solidariedade, na cooperação pode trazer para a sociedade. Diante disso, baseando-me nesses acontecimentos no decorrer da minha trajetória acadêmica e motivada para o desenvolvimento do meu trabalho final de curso, considero importante refletir sobre a importância dos valores humanos na educação e sua influência na formação de crianças em idade escolar.

PARTE II
MONOGRAFIA

A IMPORTÂNCIA DOS VALORES HUMANOS NA EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

Esta monografia busca discorrer sobre os valores humanos na educação e sua importância neste contexto e na constituição da formação de crianças, tendo como pressuposto: como práticas educativas que enfatizam valores podem influenciar na formação das crianças em idade escolar? Visando contribuir para o debate acerca dos valores humanos na educação, uma vez que pautada em valores possibilita uma formação cidadã e se constitui como essencial para a vida do indivíduo em sociedade contribuindo conseqüentemente para o estabelecimento de relações mais solidárias.

O tema foi escolhido a partir de experiências na área social possibilitadas pelos projetos de extensão e projetos 4 e 5, do curso de pedagogia, de socialização em espaços educativos da Universidade de Brasília e em virtude das crescentes dificuldades de interação e relacionamento entre professores e alunos e alunos entre si dentro de contextos educativos se tornando um problema na atualidade e uma preocupação para muitos educadores.

Considerando que os valores são construídos ao longo da vida da criança por meio de sua relação com o mundo, aprendizagens e experiências, o trabalho educativo com valores tende a potencializar a qualidade da relação estabelecida entre a criança e o mundo que a cerca, é dessa forma, tarefa fundamental nos dias de hoje fornecer as crianças bases necessárias para que consolidem seus valores e sejam capazes de fazer suas escolhas de maneira consciente e humanizadora.

Com o intuito de trabalhar práticas pedagógicas focadas em valores em espaços educativos foi realizada uma pesquisa a fim de observar os impactos e mudanças gerados nos comportamentos e relacionamentos das crianças entre si a partir das oficinas. Para tanto, a pesquisa efetuada foi a pesquisa-ação que se preocupa em descrever os desdobramentos de uma série de acontecimentos em um determinado tempo e grupo com intuito de compreender os processos que se estabelecem nesse espaço e propor possíveis soluções e que é assim definida por Thiollent (1985, p. 14 *apud* GIL, 2010, p.30):

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo.

Dessa forma, a elaboração da pesquisa consistiu nas seguintes etapas: Coleta e análise de dados e planejamento de ações a partir da técnica de observação participante, que de acordo com Gil (2010, p.103):

[...] consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo.

Posterior à coleta e análise dos dados, as ações planejadas a partir do diagnóstico da realidade observada foram implementadas e foi realizada uma entrevista estruturada individual, com cinco crianças, que segundo Gil (2010) é uma forma de diálogo assimétrico no qual o investigador apresenta ao entrevistado perguntas com o objetivo de obter os dados que interessam a sua pesquisa, sendo estruturada a partir de perguntas fixas e invariáveis e partindo de questões genéricas para questões mais detalhadas. O instrumento de coleta de dados foi um diário de pesquisa com descrição das discussões e oficinas realizadas a cada encontro.

A abordagem empregada foi a qualitativa que é centrada no sujeito, explicando a realidade a partir do mesmo, mas também qualificando o objeto, tendo por objetivo traduzir os fenômenos do mundo social. Conforme alegam Terence e Filho (2006, p.2):

Na abordagem qualitativa, o pesquisador procura aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente e contexto social – interpretando-os segundo a perspectiva dos participantes da situação enfocada, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito.

Nesta pesquisa foram tomados os cuidados éticos necessários, tais como a garantia do sigilo de identidade dos participantes da entrevista, bem como o consentimento dos responsáveis pelas crianças quanto à participação na pesquisa.

CAPÍTULO I

1.1 REFLETINDO SOBRE OS VALORES HUMANOS

Neste capítulo será apresentada uma breve reflexão histórica referente aos valores humanos em geral, bem como sua relação com a educação. Por entender que este é um assunto de extrema relevância no cenário atual, no qual as relações humanas parecem estar em crise demonstrando uma aparente negação de valores, faz-se pertinente aqui uma discussão a esse respeito. Como pontua Fagundes (2011, p.16), “A crise social que vivemos é principalmente uma crise relacionada a valores e nos sinaliza que outros tempos estão chegando e que mudanças ocorrerão”.

Muitas são as concepções relacionadas aos valores, no entanto, as que se fazem válidas para os fins desse trabalho são as relacionadas aos valores humanos, que abrangem ética, moral, relações sociais, cultura, história e seus derivados. Vários teóricos desenvolveram suas concepções acerca dos valores e dessa forma contribuíram e contribuem para o entendimento mais abrangente desse tema.

Ao longo da história da humanidade o conceito de valor sofreu diversas modificações. Conforme Delgado (2006, p.64) “o uso técnico da palavra valor foi atribuído, num primeiro momento, à economia política, que destacou nos bens materiais a qualidade econômica correspondente aos “valores de uso” e aos valores de troca”. Já Lalande (*apud* DELGADO, 2006) considera o conceito de valor, enquanto palavra, de difícil precisão em virtude de sua natureza flexível dependendo tanto do interprete quanto da situação em questão.

Similar às ideias de Delgado, para Goergen (2010) desde a antiguidade o termo valores tem sido usado para denominar preço de bens materiais ou méritos das pessoas. Ele alega que o termo valor só começa a ser utilizado filosoficamente quando tem seu significado generalizado o que aconteceu pela primeira vez com os estoicos, provindos de uma escola de filosofia helenística fundada em Atenas, que começam a ver os valores de maneira subjetiva.

A ideia central dos valores para Cabanas (*apud* MENIN, 2002) é que podem ser critérios de definição de metas ou fins para ações humanas e não precisam de grandes explicações, além deles mesmos, para existirem. Dessa forma se é bom porque bondade é um valor e assim, importante para a vida em sociedade. Cabanas também afirma que valores

podem ser definidos por culturas particulares em determinados momentos históricos variando de sociedade para sociedade e períodos de existência.

Schwartz (*apud* GOUVEIA et al., 2001) defende que há um conjunto de motivações universais que organizam e originam os diferentes valores em cada cultura. Ele define valor como uma crença do indivíduo sobre uma meta que ultrapassa as situações e expressa interesses individuais, coletivos ou ambos, é avaliado com base em uma escala de importância sendo um princípio que orienta sua vida.

Partindo dessas abordagens, os valores assumem um relativismo na medida em que mudam em determinados períodos de existência, não se perdendo, mas se transformando de acordo com a cultura das sociedades vigentes, manifestando-se nas condutas, comportamentos e atitudes do homem.

[...] os valores não devem ser vistos como significações estáticas, relacionados a algo absoluto e imutável. E na própria história das civilizações que podemos verificar a presença de valores em mutação. Numa mesma cultura constatamos a mudança de valores no decorrer do tempo, assim como percebemos valores diferentes em diferentes culturas. (RIOS, 2011, p.29).

Isto posto, avaliam-se as ações dos indivíduos de acordo com costumes e normas locais, mostrando o aspecto não absoluto dos valores, visto que de sociedade para sociedade e de época para época podem mudar. Corroborando esse ponto de vista, Delgado (2006, p.68) pondera: “Os valores também revelam, em si, a característica da historicidade, na medida em que se destacam no tempo e em função do tempo histórico”.

Essa perspectiva atribui um caráter relativo aos valores, seja em diferentes épocas ou sociedades, assim as normas e regras que norteiam a vida do ser humano estão de acordo com os valores denominados importantes para cada sociedade, podendo mudar em grau de importância e relevância de uma para outra.

[...] os valores diferem de uma sociedade pra outra, tanto quanto de uma época pra outra, sem que devam ser interpretados como meramente subjetivos. Afirma ele que há uma relatividade histórica na realização dos valores que não suprime nem exclui a noção de objetividade e de universalidade dos valores em si mesmos. [...] Assim como há uma universalidade dos valores para todos os indivíduos, na medida em que todo ser humano dotado de percepção emocional pode conhecê-los, também há uma objetividade social que permite às várias coletividades a captação e a realização de determinados valores. (SCHELER, *apud* MATHEUS, 2002, p.21).

Na medida em que cada coletividade possui suas individualidades em relação a outras e tradições e normas comuns entre si, estas significam valores de acordo com sua forma de vida, regras e experiências, no entanto, para Scheler há um caráter de universalidade nos valores que não é excluído pela relatividade histórica que os caracteriza.

Em contrapartida Martinelli (1999) aponta que alguns valores podem ser considerados absolutos como: verdade, ação correta, amor, paz e não violência, uma vez que são inerentes à condição humana. De maneira que a verdade é imutável e o que muda é a capacidade de percepção das pessoas em relação a ela, bem como o amor é a sustentação da vida, sendo a paz a base da felicidade humana e todos os valores abrangendo a não violência.

Diante das diferentes concepções entre ideias, pode-se perceber a natureza complexa dos valores, ressaltando vertentes diferentes em relação ao mesmo tema. Goergen, no entanto, legitima tanto a relatividade dos valores, quanto sua natureza absoluta, “como se vê, atribuem-se ao valor dois caracteres contrastantes, o absoluto e o relativo: o primeiro constitui o modo de ser do valor em si e o segundo, o seu modo de ser na história”. (GOERGEN, 2010, p.989).

Nietzsche uns dos responsáveis por colocar os valores como tema central da filosofia, segundo Goergen, defende uma relação intrínseca entre valor e ser humano, para ele não há valor independente da forma de ser do homem. O homem se manifesta na sociedade por meio do processo de valoração dos seus elementos que passam a ser significados por ele. Dilthey, (*apud* Goergen, 2010) traz que a história institui e determina os valores de acordo com os significados dos acontecimentos e dos homens, assim, os valores nascem e morrem na história.

Em contribuição ao pensamento de Dilthey, Matheus (2002), considera que a cada época ou coletividade há a determinação de um conjunto de valores que passam a sustentar a produção cultural vigente. Reforçando a posição de que os valores tem relação direta com o homem e seu tempo, sendo específico de sociedades e épocas que vem a apresentar, portanto, personalidades próprias.

Partindo do entendimento de que os valores mudam de sociedade para sociedade e de tempos em tempos, Fagundes (2011) conclui que os valores herdados das tradições greco-romana, cristã, renascentista, que perduraram na cultura ocidental durante séculos foram esquecidos e substituídos pelos valores da sociedade industrial. Portanto, a cultura ocidental

passou a se organizar a partir de valores da ciência e tecnologia, ficando o século XX marcado pela apatia e indiferença dos indivíduos. Martinelli (1999, p. 126) acrescenta:

Exatamente por vivermos numa sociedade desprovida de valores humanos é que experimentamos esse contexto de desigualdade e individualismo. [...] A crença na possibilidade de uma sociedade mais justa e humana passa por uma educação que valoriza o potencial humano.

Fatos passados, conseqüentemente vêm a influenciar e interferir na sociedade atual, que se encontra em uma crise de rejeição ou própria ausência de valores aos quais se apegar. Segundo Borges e Marturano (2012) os valores conduzem o comportamento das pessoas. Assim, eles se manifestam nas condutas e ações das pessoas. “Valores são metas transituacionais desejáveis, que variam em importância e servem de princípios norteadores na vida de uma pessoa.” (HITLIN, 2003 *apud* BORGES; MARTURANO, 2012, p.69).

Os valores humanos são de extrema importância para a manutenção da ordem nos diversos espaços da sociedade e, portanto, universalmente imprescindíveis para uma convivência respeitosa e harmoniosa entre os indivíduos. Sendo assim definidos por Martinelli:

São os princípios que fundamentam a consciência humana. Eles estão presentes em todas as religiões e filosofias, independentemente da raça, sexo ou cultura. São inerentes à condição humana. Os valores humanos dignificam a conduta humana e ampliam a capacidade de percepção do ser como consciência luminosa que tem no pensamento e nos sentimentos sua manifestação palpável e aferível. Eles unificam e libertam as pessoas da pequenez do individualismo, enaltecem a condição humana e dissolvem preconceitos e diferenças. (MARTINELLI, 1999, p.17).

Historicamente as concepções de valores mudaram e vêm mudando com o tempo. Esses valores se constituem como essenciais para a vida em sociedade, para que os indivíduos possam usufruir de seus direitos individuais, de maneira que também respeitem os valores sociais e coletivos. Conforme Goergen (2010), do ponto de vista individual as pessoas buscam a satisfação de suas vontades e instintos, no entanto, seus impulsos individuais entram em conflito com os de outras individualidades, precisando assim, encontrar formas de equilíbrio que possibilitem a convivência pacífica.

Dessa maneira, tratar de valores implica numa tarefa indispensável para a sociedade, na busca de uma coesão social que assegure o respeito às liberdades individuais e a organização da dimensão coletiva.

1.2 VALORES HUMANOS NA EDUCAÇÃO

No mundo globalizado da sociedade atual, no qual os diálogos vêm sendo diluídos e aos poucos substituídos pelas tecnologias que conseqüentemente afetam as relações humanas, há uma grande necessidade de se trabalhar os valores na educação visto que são em espaços educativos que a criança passa a ter seus primeiros contatos fora do círculo familiar.

Goergen (*apud* Zechi e Menin, 2012) afirma que o aumento dos debates sobre o tema se dá em função da crescente preocupação com problemas sociais, ecológicos e comportamentais e em decorrência da desestabilização dos valores tradicionais que amparavam a relação dos homens com a natureza e a sociedade entre si. O processo educacional está diretamente ligado à questão de valores e a relação entre ambos tem sido uma temática de muita importância na atualidade. A educação fornece ao homem a possibilidade de conscientização de seus direitos e deveres contribuindo para o exercício de sua cidadania.

A preocupação com uma educação que compreenda valores é perceptível por meio dos parâmetros curriculares nacionais (BRASIL, 1997), os PCN'S trazem como tema transversal a questão dos princípios éticos e valores na escola, enfatizando a importância desse tema para a constituição integral dos indivíduos como cidadãos com a finalidade de prepara-los para viver em sociedade. Eles integram um conjunto de publicações para o ensino fundamental em diferentes áreas do conhecimento bem como os temas transversais que incluem ética, trabalho, meio ambiente entre outros (VIEIRA;FARIAS, 2011).

A Ética diz respeito às reflexões sobre as condutas humanas. A pergunta ética por excelência é: Como agir perante os outros? . Verifica-se que tal pergunta é ampla, complexa e sua resposta implica tomadas de posição valorativas. A questão central das preocupações éticas é a da justiça entendida como inspirada pelos valores de igualdade e equidade. (BRASIL, 1997).

A relação entre moral e educação não é de hoje, ela vem sendo tematizada desde os primórdios da civilização. De acordo com Fagundes (2011) a preocupação com os valores é tão antiga quanto a humanidade, no entanto apenas no século XIX vem a surgir a Axiologia ou teoria dos valores, que se ocupa das relações entre coisas, seres vivos ou até mesmo ideias, como disciplina escolar. Embora a relação entre educação e ética exista desde os primórdios de nossa civilização, há uma nítida discrepância entre a teoria e a prática. (GOERGEN, 2010).

De fato, há uma grande desconexão quanto ao que se aspira e o que realmente é feito e a educação pode ser um exemplo de que às vezes teoria e prática andam separadas. Uma crítica nesse sentido é feita por Borges e Marturano (2012) que trazem que no discurso do corpo docente se é pregada a importância de se formar o aluno integral, embora dentro de sala de aula o foco esteja sempre nos conteúdos acadêmicos, deixando de lado os valores e princípios com o intuito de que sejam transmitidos, aprendidos e construídos naturalmente em função das boas intenções e boa índole dentro de sala.

O ensino não deve se concretizar apenas com foco no ensino do conteúdo acadêmico e teórico, é importante que as outras necessidades do indivíduo recebam atenção, sejam consideradas e relacionem-se a sua vivência e experiências. Esse questionamento se relaciona com o que argumenta Goergen:

Há uma particular proximidade entre ética e pedagogia. Isto se deve ao fato de haver uma influência mútua entre moral e educação. O ser humano não é um ser moral por natureza, mas precisa ser educado para a moralidade. (2010, p.993).

Isto é, é preciso que sejam ensinadas às crianças desde pequenas habilidades sociais e discutidas no decorrer de seu desenvolvimento com o intuito de aperfeiçoar e direcionar atitudes e comportamentos sociais, não bastando apenas esperar que esse desenvolvimento seja aprimorado naturalmente sem que haja intervenção. Nesse processo de desenvolvimento é importante que as crianças participem de espaços nos quais possam manifestar-se com liberdade, mas que sejam educadas para respeitar os limites éticos em suas condutas.

Desde o nascimento o ser humano passa por diferentes fases de desenvolvimento e é ensinado a respeito do que é certo e do que é errado, sendo influenciado diretamente pela cultura predominante, crenças e costumes definidos, se adequando, conseqüentemente, as normas vigentes e condutas sociais específicas da sociedade da qual faz parte.

Na primeira infância as crianças já se constituem como sujeitos que interagem em seu meio e começam a construir as bases de suas personalidades, por isso é importante que desde o começo sejam trabalhados os valores, tanto dentro quanto fora dos espaços educativos nos quais elas se inserem. “Os valores integram o conhecimento, a família, a escola e a vida em sociedade. Vinculam o ensinamento ministrado na escola às circunstâncias da vida, construindo uma consciência da ética e da estética do bem.” (MARTINELLI, 1999, p. 21).

Os valores compreendem a vida em sociedade e contribuem para a participação do indivíduo no meio em que se insere estabelecendo relação direta com seus direitos e deveres e favorecendo a manutenção da ordem no convívio social.

As proposições de Piaget (*apud* BEE; BOYD, 2011) em sua teoria do desenvolvimento infantil contribuem muito para o melhor entendimento da criança, ele vê a infância como uma fase na qual a criança começa a se apoderar de esquemas sensoriais, motores e processos mentais. É uma fase de descobertas e novas noções de mundo em que estão sendo estabelecidas as bases da personalidade humana. Para ele a infância é uma importante etapa na vida de toda e qualquer criança, pois se trata de uma fase em que o indivíduo busca entender seu ambiente ativamente. No processo, ele explora, manipula e examina objetos e pessoas em seu mundo.

A infância é, portanto, o marco inicial da relação da criança com o mundo, no qual ela é um participante ativo, sendo esta, a fase na qual ela desenvolve diversas teorias a respeito do funcionamento do mesmo, baseando-se em sua exploração do ambiente.

Para Piaget (*apud* GOERGEN, 2010) o comportamento natural do ser humano é de início, egocêntrico, no sentido de que no início são sempre as necessidades individuais que prevalecem na criança. A este estado natural, no qual o homem se coloca como egocêntrico e busca a satisfação de suas necessidades é colocada em contrapartida uma exigência moral que trata da importância da igualdade para com os outros seres humanos.

Um dos conflitos fundamentais no campo da moral está ligado à natureza ambivalente do ser humano, que tanto é ser individual quanto social. A estas duas faces do humano ligam-se duas estratégias da formação moral das quais uma privilegia o aspecto subjetivo/individual e a outra o aspecto intersubjetivo/social. (GOERGEN, 2010, p. 994).

Borges e Marturano (2012) afirmam que pesquisas já realizadas sobre o desenvolvimento moral em crianças indicam que essa construção moral começa desde cedo, já nos primeiros anos. Para Nucci (2000, *apud* BORGES; MARTURANO, 2012) crianças de três anos de idade já compreendem que é errado bater e machucar as pessoas em virtude das reações negativas que geram nas mesmas. No entanto, embora nos primeiros anos de vida as crianças já tenham a noção do que é errado, essa compreensão não se dá de forma estruturada, uma vez que seus atos ainda não se associam a justiça.

Outro estudioso da moralidade infantil Turiel (*apud*, BORGES; MARTURANO, 2012) percebe em suas pesquisas que é precoce nas crianças a relação entre moralidade e

justiça, podendo ser vista em crianças de seis anos de idade. Ou seja, ainda que crianças muito novas não associem suas noções de certo e errado a justiça, essa competência intelectual, de acordo com Turiel tende a surgir cedo, logo nos primeiros anos de vida. O surgimento da moralidade na criança é influenciado pelo seu aspecto cognitivo e pelas relações que estabelece em seu meio, que podem tanto contribuir como prejudicar esse desenvolvimento.

Piaget (*apud* SOUZA, 2005) fala em dois tipos de moral: a autônoma e a heterônoma, de maneira que a autonomia seria a superação da heteronomia. Segundo Piaget a criança no princípio é heterônoma, o que corresponde a uma conduta baseada na obediência a regras externas e impostas autoritariamente, sendo essas regras a representação do bem. No entanto esse comportamento tende a mudar quando o sujeito começa a compreender a razão de suas atitudes, passando a internalizar as regras e valores e a utiliza-los como inspiração para suas ações.

Assim a heteronomia teria menos força motivadora, visto que seus valores permanecem externos ao indivíduo, alheios ao seu “eu” enquanto na autonomia esses valores passariam a integrar o “eu”. De acordo com Piaget (*apud* SOUZA, 2005) essa transição da moral heterônoma para a autônoma decorre da relação de reciprocidade e respeito mútuo entre o sujeito no caso a criança e seus pais ou responsáveis, no qual a autoridade inicial vai sendo substituída pela noção de justiça e igualdade entre eles.

A internalização e apropriação de regras externas e normas pelo sujeito deixa, portanto, de ser significada e imposta pelo outro para sê-la significada por ele, que dá às regras sentidos próprios com base em suas experiências pessoais e busca agir de acordo com as mesmas, tendo-as como reguladora de suas condutas.

A sociedade atual, da maneira que vem se desenvolvendo, marcada por constantes mudanças tanto nas esferas econômicas e sociais quanto na tecnológica, tende a contribuir para a manutenção de uma sociedade pautada no individualismo. Com uma cultura cada vez mais influenciada pela mídia que prega fortemente o capitalismo bem como outros fatores que incluem o aumento da violência e o aumento da intolerância nas relações humanas, as pessoas tendem a ir se isolando aos poucos. Essa sociedade que vem se formando, precisa levar em consideração a importância dos valores na vida individual e coletiva dos cidadãos e para tanto é necessária uma conscientização da enorme significância destes para a manutenção de uma sociedade justa e harmônica.

Tanto a escola quanto a família têm papéis indispensáveis na educação das crianças e, logo, na educação de valores. Como corroboram García e Puig (2010), o desenvolvimento de uma criança é um trabalho compartilhado por todos os meios em que ela se insere. Atualmente, segundo Zechi e Menin (2012), a escola aparece como uma instituição importante para a manutenção e mudanças dos valores, cabendo a ela educar os indivíduos enquanto sujeitos morais para viver em sociedade. Dessa forma, a escola tem um papel imprescindível no desenvolvimento e constituição de valores do educando, se constituindo como um espaço privilegiado de formação destes.

“A educação em valores na família e na escola deverá incrementar a capacidade de discernimento dos alunos e conscientiza-los da importância das suas escolhas.” (MARTINELLI, 1999, p. 21). Escola e família são os contextos mais próximos da criança e por isso é importante que haja espaço nesses lugares para a conscientização e o trabalho com valores.

Os pais exercem grande influência na formação do caráter dos filhos, moldam suas atividades, estimulam seus interesses, motivações, metas e o comportamento social. Uma criança que não se sente amada e que não reconhece os valores nos seus pais é um ser triste e desinteressado. (MARTINELLI, 1999, p.28).

Embora a escola exerça grande influência quanto à aquisição de valores e de desenvolvimento por parte de seu corpo discente é importante ressaltar que essa aquisição não se dá apenas na escola e que ocorre também em outros espaços sociais e não escolares.

A escola e a família compartilham de responsabilidades para com a formação do cidadão, ambas são responsáveis pelos processos evolutivos dos indivíduos que delas participam. A família é a primeira mediadora entre o homem e a cultura bem como é a matriz da aprendizagem dos sujeitos (DESSEN; POLONIA, 2007). Sendo assim, o papel da família é essencial, pois é no seio desta que o indivíduo inicia sua formação social, afetiva e intelectual. Conforme Dessen e Polonia (2007) a família é um sistema social que tem a responsabilidade de transmitir valores e crenças presentes nas sociedades.

A educação para os valores realiza-se em todos os momentos, permeia o currículo e também todas as interações interpessoais na escola e as relações desta com a família e a sociedade. (VALENTE, 1989, p.1).

As reflexões acerca do assunto envolvem tanto uma figura ideal de educador que além de conhecimento e capacidades intelectuais, é também exemplar no quesito ético e moral (GOERGEN, 2010). O papel exercido pelo educador em sala de aula pode influenciar na

qualidade das relações estabelecidas em sala, para tanto, são consideradas sua postura e conduta, desse modo é essencial que o professor demonstre motivação e comprometimento com seu trabalho, uma vez que exerce influencia sobre seus estudantes.

A criança na idade pré-escolar aprende muito mais imitando do que por exortações ou teorizações. Ela é muito influenciável; sua sensibilidade e sua vida emocional interior são transmitidos sem filtragem. [...] Seu universo particular se baseia ainda na imitação e na sensação. O educador precisa compreender a importância da influência dos seus pensamentos, palavras e comportamentos na formação do caráter da criança. (MARTINELLI, 1999, p.40).

Para Valente, no processo de aquisição dos valores é importante que o educador encoraje a criança a tomar consciência daquilo que valoriza e encoraja-la também a fazer escolhas, descobrindo suas alternativas e refletindo sobre as consequências delas além de contribuir para a tomada de atitudes que preserve tanto os interesses individuais quanto sociais. Assim, espera-se que a criança reflita criticamente sobre seus atos e ações e a partir disso tome suas decisões, tendo os valores como motivadores de sua conduta.

Enfatiza-se, portanto a importância dos agentes sociais e responsáveis pelas crianças, sejam eles os pais, responsáveis ou profissionais da educação, para que abram espaços de discussão e conversas com o intuito de dar a criança o espaço necessário de livre expressão que ela precisa, colocando-a como centro de toda a ação realizada. Colocar-se no lugar do outro, respeita-lo e conectar-se a sua realidade, levando em consideração suas singularidades contribui para que a criança se revele aos poucos e de forma autêntica.

Freire (2011) acentua essa questão ao argumentar que respeitar a autonomia de cada um é imprescindível para uma educação de qualidade. O professor que desrespeita a curiosidade do aluno, seus gostos, linguagens, origens e o minimiza, transgredir os princípios éticos da sociedade.

Educar em valores proporciona ao educando o conhecimento de si e dos outros, sendo, consequentemente, a educação aquela que o conduz a transformações fundamentais nos âmbitos social e individual, abrangendo as diversas facetas do ser humano. A educação em valores se torna essencial na escola pelo fato de que os problemas da humanidade, não são problemas com soluções técnico-científicas, mas sim, problemas que requerem uma reorientação de valores e ética (ZECHI; MENIN, 2012).

A educação em valores, nessa perspectiva, deve dar-se por meios baseados no diálogo, na participação democrática, no respeito mútuo; enfim,

procedimentos e estratégias que resultem na construção de indivíduos autônomos através de relações pessoais. (ZECHI; MENIN, 2012, p. 4).

Assim, fica claro o caráter construtivo e constitutivo da aquisição de valores, sendo importante ressaltar a sua natureza democrática, de forma que eles sejam trabalhados com as crianças a fim de que elas construam suas concepções de valores e deem significados próprios a eles com base em suas experiências pessoais sem que este exercício seja imposto a elas. Acentuando este entendimento, Goergen (2010) ressalva que o adulto deve renunciar a qualquer forma de persuasão para com os jovens com o objetivo de fazê-los aceitar valores pré-determinados. “A única coisa que a educação pode fazer é estimular o aluno a assumir o próprio processo de valoração.” (GOERGEN, 2010, p. 1005).

A partir do reconhecimento da criança como um ser singular e que tem necessidades próprias, é importante que se leve em consideração sua subjetividade e singularidade no ambiente em que se insere. Portanto, ao professor cabe a escuta sensível e um olhar desprovido de preconceitos, que leve em consideração os conhecimentos prévios do sujeito, a história que carrega, a sua visão de mundo para que assim explore a sua subjetividade. Escutar vai além das capacidades auditivas de cada pessoa, escutar significa dar abertura à fala, às diferenças e aos gestos do outro (FREIRE, 2011).

O diálogo e a abertura para ouvir e entender o outro é um experiência enriquecedora do ponto de vista educativo, visto que as relações estabelecidas entre aluno e professor tem caráter formativo e são indispensáveis para a efetividade de posteriores trabalhos realizados pelo professor.

O reconhecimento do outro requer, por parte do professor, uma atitude permanente de acolhimento e vontade de se comunicar, que se concretiza em diversas situações. Ao contrário de outras intervenções docentes, a criação de vínculos afetivos não pode se isolar dos demais momentos educacionais, e sim fazer parte de todos. (GARCÍA; PUIG, 2010, p. 48).

Partindo da observação e da constatação de fatos da realidade o educador passa a ter a possibilidade de fazer mudanças. A partir da constatação, o educador se torna capaz de intervir na realidade (FREIRE, 2011), ou seja, por meio da visualização e compreensão mais elaborada dos fatos, o professor tem oportunidade de fazer uma intervenção positiva com o intuito de contribuir para a formação do indivíduo.

No entanto, é preciso cautela quanto a educação em valores, como alega Menin (2002) a educação em valores pode ser tanto doutrinária, no sentido de que um conjunto de valores

considerados fundamentais deve ser passado a todos, como verdades fechadas e acabadas, mas que também pode ser relativista, de maneira que, a escola, por exemplo, não planeje suas ações em função de ensinar valores, mas que permita que isso aconteça em seus mais diversos espaços de forma assistemática.

A abordagem de Menin é estendida por Dias (2005) que argumenta que a educação moral possui duas perspectivas diferentes, uma se dá pelo processo de transmissão cultural, no qual o indivíduo assimila hábitos e costumes aceitos por um grupo ou sociedade ou se dá como um processo no qual a educação auxilia os indivíduos a esclarecerem os valores que lhes são significativos levando-os a agir de acordo com as circunstâncias e contextos de cada um.

Uma crítica nesse sentido é feita por Piaget (*apud* MENIN, 2002) no qual diz que a educação moral ou a educação em valores não pode ser jamais imposta e tampouco deixada à escolha de cada um. Ele traz que se o objetivo é educar para a autonomia não se pode alcançá-la por meio da coação, é necessário que a escola crie situações nas quais as escolhas dos educandos, feitas através de reflexões críticas, sejam possíveis de serem realizadas.

A imposição nesse caso não favoreceria um aprendizado e uma construção efetivas na vida do educando que frente a imposição, seguirá coagido, no entanto, se o sistema coercitivo fraquejar, a tendência será o educando violar as normas impostas, uma vez que não as apreendeu, tampouco deu a elas significados próprios, incentivando a heteronomia, como acentuam García e Puig (2010, p.93) “Só se aprende a viver de forma democrática vivendo democraticamente”

Na visão de Piaget (*apud* MENIN, 2002) a formação moral dos alunos e professores passa necessariamente pelo exercício da construção de valores, regras e normas pelos próprios alunos e professores entre si e quanto maiores às possibilidades de trocas entre as pessoas melhor será o exercício da reciprocidade entre elas. No processo de formação do educando, não são apenas os conteúdos que ele assume ao longo do processo, mas também o comportamento dos educadores, independentemente destes serem pais ou professores. (GOERGEN, 2010). Pais e educadores representam um espelho para criança e é imprescindível que pratiquem o que pregam.

Segundo Goergen (2010) a formação moral é complexa e abriga diversos aspectos desde o momento da incorporação das convenções sociais até o momento em que o indivíduo

forma a sua consciência moral autônoma. A autonomia permite ao sujeito a consciência em relação às regras, de maneira que o indivíduo passa a coordenar suas ações. As formas de aquisição de tais requisitos incluem reflexões e atitudes pessoais assim como sentimentos e comportamentos estimulados pela educação. “A educação moral entendida como conjunto de todos estes movimentos é um processo de construção sociocultural da personalidade ou do sujeito moral” (GOERGEN, 2010, p.1005).

[...] a educação moral se faz pela ação orientada por alguns princípios fundamentais, tais como a justiça, a dignidade, a solidariedade, iluminados pelo respeito mútuo entre as pessoas e que pode ter um alcance cada vez maior. Nessa educação moral não há lugar para certezas, mas as dúvidas podem ser sempre discutidas. E é essa discussão o método de educação moral. (MENIN, 2002, p.99).

Por fim, de uma maneira geral pode-se afirmar que a educação busca formar seres humanos capazes de lidar com o meio e com outros seres humanos, é função da educação também, educar para a convivência e para a vida (GOERGEN, 2010). No entanto essa adaptação é sempre inacabada, uma vez que a realidade está em constante mudança.

O ser humano só é ou só pode ser um sujeito moral na medida em que é indeterminado e livre. Se fôssemos programados como os animais, não poderíamos falar de moralidade. De outra parte, a liberdade implica a capacidade de refletir sobre o processo de aprendizagem e a capacidade de dar a este processo a orientação que desejamos. Quando nos encontramos diante da decisão de como desejamos viver, que atitudes tomar ante os conflitos vitais, como nos relacionar com o meio e com os outros, estamos diante da condição humana que denominamos moralidade. (GOERGEN, 2010, p.1007).

A educação nesse sentido busca a formação do indivíduo autônomo, que apto para tomar suas decisões sozinho, reflete sobre a situação vivida e a partir dela age com sensatez, levando em consideração todos os aspectos envolvidos podendo implicar no bem estar social e coletivo em detrimento do individual. A educação beneficia a conscientização do educando, o controle das emoções, conduzindo-o a um processo de descoberta e autoconhecimento e a construção de atitudes justas bem como o desenvolvimento do caráter.

A partir das reflexões sobre os conceitos de valor e sua relação com a educação será apresentado no segundo capítulo como foram vivenciados na prática os valores nos espaços educativos a partir das oficinas e práticas pedagógicas pautadas em valores humanos.

CAPÍTULO 2

2.1 DESCRIÇÃO DO CAMPO DE VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS

O principal objetivo da educação em valores é ajudar os alunos a aprender a viver. Essa é a primeira tarefa dos seres humanos, porque, apesar de estarmos preparados para viver, precisamos adotar um modo de vida que seja sustentável e realmente queiramos para nós mesmos e para todos os que nos cercam. Temos de escolher como queremos viver. (GARCÍA; PUIG, 2010, p.17)

Neste capítulo é apresentada a caracterização do campo das vivências pedagógicas, das observações realizadas no segundo semestre do ano de 2013 e das oficinas de intervenção pedagógica realizadas com crianças de 6 a 9 anos de idade na cidade do Recanto das Emas, Distrito Federal. As observações aconteceram durante as sextas-feiras do segundo semestre de 2013, salvo feriados e período de férias, com duração de aproximadamente 3 horas por dia.

Essa vivência pôde ser experimentada em função do currículo de pedagogia da Universidade de Brasília que contempla a formação docente em diferentes espaços de atuação, formando profissionais para as mais diversas áreas e campos de aprendizagem, compreendendo a relação entre ensino, pesquisa e extensão de forma que haja uma articulação entre teoria e prática no campo educativo.

A pesquisa se tornou possível em função da participação efetiva da autora no projeto de extensão do Decanato de Extensão (DEX) da Universidade de Brasília que é o responsável por promover atividades de extensão com o objetivo de incentivar a integração entre a Universidade e a comunidade, envolvendo graduandos e pós-graduandos da UnB e de outras faculdades do Distrito Federal com o intuito de levar as essas comunidades um suporte nas áreas de saúde e educação.

Parte da pesquisa também foi possibilitada por meio dos projetos 4 fase 1 e 2 que se referem ao estágio supervisionado, propondo processos de socialização em espaços educativos e busca a promoção de uma intervenção na realidade educativa escolar e não escolar. Esse projeto tem a proposta de desenvolver ações fora da UnB e contribuiu muito para a intervenção na pesquisa por meio de uma metodologia que coloca o ser humano como prioridade e o tem como centro da prática pedagógica a partir de uma educação humanizadora.

O local de realização do projeto situa-se no assentamento do Recanto das Emas, em uma área de invasão, é um prédio de dois andares de pequeno porte, possui cinco salas, um espaço de convivência pequeno, uma brinquedoteca que funciona com brinquedos doados pelas pessoas, uma cozinha e três banheiros.

Esse local é mantido pela UnB e pela igreja Adventista de Brasília, as mulheres que trabalham nesse local, tanto no preparo dos lanches quanto na limpeza são todas mães das crianças que frequentam o projeto. O espaço de convivência possui alguns livros doados pelas pessoas e há uma boa variedade de livros. O projeto atende a um grande número de crianças, mas há um rodízio muito grande entre elas, em virtude do grande número de faltas, logo existem dias em que o projeto recebe muitas crianças e outros em que poucas aparecem. As salas que recebem as crianças são três, uma que recebe as crianças de 2 a 5 anos, uma que recebe as crianças de 6 a 9 anos e outra que recebe os maiores de 10 anos. A sala referida pela presente pesquisa é a intermediária, com crianças em idade entre 6 a 9 anos e recebe em média 10 a 15 crianças todas as sextas-feiras.

Após três anos de efetiva participação no projeto Educação Integral & Inclusão Social e posterior a algumas observações a autora pôde constatar diversos aspectos que precisavam ser trabalhados com as crianças, era notório o comportamento egoísta e voltado para o individualismo da turma, a falta de habilidades para se trabalhar em grupo, o desrespeito com o colega e a indisciplina. Diante dos fatos, durante um semestre as crianças foram observadas, com o intuito de elaborar uma proposta a fim de contribuir para o melhor relacionamento entre elas e para o melhor andamento das atividades realizadas.

A turma observada tinha como característica cotidiana entre as crianças, conversas paralelas, brigas e impicâncias constantes. Por se tratar de uma turma multisseriada, com crianças maiores e menores na mesma sala, o desafio se fazia ainda maior, com as maiores liderando as confusões e sobrepondo suas vontades as das menores. Esses se configuraram como obstáculos a realização das atividades com qualidade, às vezes até sem sucesso.

A “biblioteca” não é muito frequentada em função da natureza dos livros, poucos são livros de histórias ou para crianças, a maioria dos livros doados são antigos ou de ensino médio e são pouco convidativos nesse sentido. As salas e as mesas são muito bem cuidadas, as mães das crianças limpam e deixam o lugar em condições propícias para a utilização. A merenda servida é de frutas, muito bem lavadas e distribuídas para as crianças, com exceção

de datas especiais nas quais o lanche tende a ser diferente. Muitas das crianças aparecem no projeto só para comer e perguntam repetidamente pela hora do lanche, que acontece ao final das aulas.

Quanto à condição socioeconômica das crianças, a renda familiar é baixa, em geral só uma pessoa na casa trabalha, uma vez que na maioria dos casos as mães são donas de casa e os chefes da família trabalham. É raro o caso em que os parentes das crianças não estão envolvidos com crimes e é comum nas famílias terem muitos filhos e entre os filhos adolescentes, terem meninas grávidas ou com filhos pequenos. De acordo com a pesquisa socioeconômica, as crianças, em sua maioria, moram com pais, ou padrastos e avós. Os pais são a fonte de renda das crianças em geral, em alguns casos as mães também contribuem, como por exemplo, as que trabalham em outras casas e cuidam de crianças pequenas para obter renda.

Um aspecto importante a ser levado em consideração é o de que as crianças em sua maioria vêm de famílias com pais ou familiares que estão presos, ou que cometeram crimes, em função disso muitas delas alimentam sentimentos de rancor, raiva, egoísmo e falam abertamente, sem o menor ressentimento que estão se envolvendo continuamente em brigas e confusões na escola.

Embora uma considerável parte das crianças viva em contextos de conflitos e algumas revelem um lado mais rancoroso e duro nas punições aos colegas, elas alternavam momentos de boas participações nas aulas, se mostravam inteligentes, interessadas, às vezes, dispostas a colaborar e fazer as atividades, comunicativas, umas mais que outras, alguns falavam pouco, mas estavam ali, prestando atenção, cumprindo com suas atividades.

Conhecendo a realidade das crianças e os desafios dentro do projeto, foi ficando nítida a necessidade de um trabalho que buscasse a valorização dos valores, a sua inserção dentro de sala em busca da construção de uma convivência harmônica das crianças entre si e com os professores. Diante dessa situação, considerou-se imprescindível tratar valores, valores do dia a dia, valores humanos, valores em geral, voltados para o respeito e valorização do próximo, de si próprio e da natureza.

2.2 PLANEJAMENTOS PEDAGÓGICOS

Nesta parte do trabalho são apresentadas as constatações feitas a partir dos encontros com as crianças e os planejamentos pedagógicos feitos ao longo do projeto 5.

Nesta fase da formação é que é permitida ao graduando, estudante de pedagogia viver concretamente a sala de aula, encarar os desafios e colocar em prática as teorias estudadas, é esse momento de interação dentro do universo educativo, entre alunos e professor que saem do papel os planejamentos e se tornam atitudes efetivas.

No projeto, para a autora como professora regente da sala, apenas observar não era uma opção, um planejamento de aula deveria ser feito e colocado em prática para que posteriormente a observação pudesse ser possível. O objetivo das primeiras observações, durante o último semestre de 2013, foi certificar o que havia sido observado durante os meses anteriores, a clara ausência de valores no dia-a-dia das crianças e principalmente na sala de aula, nas relações entre elas e nas suas relações com a natureza, para poder intervir de maneira eficaz.

Portanto, a metodologia utilizada durante os encontros do semestre, baseou-se em ações e observações, acontecendo de forma paralela. O planejamento formal das atividades se constituiu inicialmente em momentos de motivação a partir dos temas tratados, no qual os alunos eram provocados a falar sobre o que conheciam previamente do tema sugerido. A provocação tinha o objetivo de ajuda-los a resignificar e a reconstruir os conceitos construídos por eles previamente e acontecia às vezes em forma de discussões e debates entre as diferentes ideias propostas pelas crianças, ou eram feitas dinâmicas entre eles para que chegassem a uma conclusão final.

Após o momento inicial, mais leve e descontraído, era dada uma explicação mais aprofundada do tema, mas de forma dialogada com as crianças para dar voz a elas e ao mesmo tempo investir em uma pedagogia verdadeiramente participativa. A explicação era feita de uma forma motivadora que estimulasse as crianças e, portanto, mais prática, por meio de objetos, desenhos, livros, figuras, para que as crianças pudessem compreender concretamente o que estava sendo dito proporcionando a elas maiores condições de autonomia e envolvimento com o tema trabalhado.

Depois dos momentos de provocação, diálogos, explicações, as crianças tocavam os objetos, manuseavam as figuras e era proposta uma atividade. Dependendo do tema as atividades eram mais teóricas, de ler e escrever, analisar algumas figuras, situações, outras vezes eram de pintar ou desenhar, ou eram feitas dinâmicas de perguntas e respostas, mímicas entre outras. As respostas e correção das atividades eram feitas pelas crianças na maioria das vezes e mediadas pela professora e em poucos casos feitas só pela professora.

Essa metodologia se baseia na teoria de aprendizagem da criança defendida por Vygostky, a chamada zona de desenvolvimento proximal na qual a criança tem sua aprendizagem conduzida e mediada por um adulto ou uma pessoa mais hábil. “O sujeito de Vigotski desenvolve-se, então, a partir das interações que estabelece com o meio, sempre mediadas pelo outro [...]” (SOUZA, 2005, p.34).

O espaço onde o estágio foi realizado, uma das salas do primeiro andar do prédio do projeto, não é grande, nesse caso foi necessária uma reorganização do espaço educativo, aproveitando ao máximo toda área utilizada, para colocar as crianças de maneira confortável na sala visando uma exploração adequada do lugar, de forma que elas pudessem se ver e se locomover sem empecilhos.

Quanto ao espaço educativo, é fundamental que seja personalizado para que favoreça a formação da personalidade e identidade do aluno. Oferecendo um ambiente saudável e variado estimulam-se os sentidos, os quais são primordiais para o desenvolvimento humano (HANK, 2006). Hank (2006) também pondera que é imprescindível que os espaços constituídos para a criança sejam devidamente explorados por ela, assim como, proporcionar a aprendizagem através do lúdico, favorecer a expressão das individualidades e a troca de saberes entre os sujeitos.

Horn (*apud* HANK, 2006) alega que é no espaço físico que a criança cria suas relações e laços sociais entre ela e o mundo. Dessa maneira, espaço e ambiente estabelecem uma relação entre si. Todavia, essa relação não ocorre de forma homogênea, uma vez que, diferentes ambientes podem ser constituídos num mesmo espaço físico. Segundo Moura (2009), um ambiente que estimule as relações amigáveis e o sentimento de respeito entre os indivíduos, é o ideal para o desenvolvimento de uma educação de qualidade. Nesse sentido, a inserção de valores é imprescindível para favorecer sentimentos de solidariedade e generosidade.

Os recursos disponibilizados pelo projeto são lápis, borracha, giz de cera, folhas, cola, tesoura, artefatos de uso comum. Como não há recursos mais diversificados, como cartolinas, cadernos, outros materiais didáticos ou recursos mais tecnológicos como aparelhos de som ou vídeos, fica por conta dos alunos participantes do projeto, buscar outras formas de trabalhar com as crianças e providenciar outros tipos de materiais. Dessa forma, para o projeto, foram providenciados outros materiais como cartolinas, papel crepom, isopor, figuras, histórias, material dourado, massinhas, palitos, revistas, desenhos, buscando sempre uma dinâmica diferente para tornar a aula mais didática, mais divertida e menos monótona.

O primeiro passo para dar início a uma prática pedagógica baseada em valores foi o reconhecimento do outro por parte da professora, ou seja, o olhar sensível ao educando, tendo em vista que a qualidade das interações estabelecidas com os alunos afeta diretamente a prática educativa.

[...] o reconhecimento do outro passa pela compreensão de sua pessoa: sua maneira de ser, de pensar, de sentir e de viver. Uma atitude respeitosa por meio da qual o adulto se esforça para colocar-se no lugar da criança e conectar-se com a sua realidade. [...] Respeitar e compreender cada aluno significa saber estar ao seu lado na hora e da maneira que ele necessitar, levando em consideração sua idade, seu momento pessoal e suas preocupações, nem sempre expressos pelas palavras. (GARCÍA; PUIG, 2010, p.50).

Para tanto a trajetória pessoal e singularidades de cada criança foram levadas em consideração, tendo em vista que as crianças tem seu tempo de desenvolvimento e fazem parte de espaços sociais e contextos diferentes trazendo consigo aprendizados e maneiras de pensar distintas. Nesse sentido, o ato educativo buscou o respeito à diversidade na sala de aula com o intuito de propiciar a cada indivíduo aprendizagens significativas durante os encontros. Como corroboram Garcia e Puíg (2010):

O ato educativo é heterogêneo, não podendo ser explicado com base em uma única realidade. Os sujeitos se formam sob efeito de meios que se misturam, interagem e se integram às experiências pessoais de maneiras muito complexas. Não é possível entender o processo de uma pessoa a menos que se compreenda que o que lhe acontece em determinado âmbito não é alheio àquilo que vive em outros espaços. (GARCIA; PUÍG, 2010, p.50).

As primeiras iniciativas baseadas em valores começaram nos pequenos detalhes. Ao início dos encontros as crianças eram orientadas sobre a importância de se preservar o lugar que ocupavam e a cuidar dos objetos e das coisas que estavam sob sua responsabilidade e ao

final na hora do lanche, servido em bandejas, eram conscientizadas sobre a importância de dividir com o próximo, evitar a gulodice, apreciar e agradecer pelo alimento.

Foram utilizados com as crianças durante o semestre os livros de histórias infantis da linha de Valores Cristãos da editora SBN e o livro *Aprendendo Valores Éticos* da autora Márcia Botelho Fagundes. De acordo com Souza (2005) crianças possuem uma facilidade muito grande em compreender as mensagens cujos temas tratam de valores. A linha de valores cristãos vem em um pequeno box de livros, cada livro traz uma história sobre um valor diferente. Os livros, embora intitulados cristãos, tratam de muitos valores necessários à convivência nos tempos de hoje, sendo também valores humanos, e não fazem apologia a qualquer tipo de religião.

A partir das histórias, as crianças ficavam aptas a refletir sobre cada valor e depois eram convidadas a fazer uma análise sobre a história, dos problemas enfrentados pelos personagens, das possíveis soluções e a falar sobre a relação que elas estabelecem com cada valor. Por conseguinte, o principal suporte das práticas realizadas com as crianças para trabalhar valores foi a contação de histórias, com o propósito de que fossem desenvolvidas reflexões a partir das mesmas.

Segundo Martinelli (1999), a utilização de narrativas é um recurso pedagógico que tem o poder de avivar a imaginação das crianças, inspira-las e emociona-las mediante a identificação com os personagens bem como possibilitam a reflexão em relação ao próprio comportamento. O método de contação de histórias também favorece o desenvolvimento de habilidades como aprender a ouvir e a prestar atenção enriquecendo a assimilação de conteúdos e da própria cultura.

A discussão de histórias constitui uma tentativa importante de entender como as informações são processadas à luz de crenças preexistentes e, muitas vezes invalidando tais crenças, permite desconstruir essas ideias preconcebidas. [...] em uma história, a criança pode entender que nem sempre as pessoas têm intenções agressivas como se imagina e que as soluções podem ser gerenciadas de maneira alternativa à agressividade. (BORGES; MARTURANO, 2012, p.72).

De acordo com Borges e Marturano (2012) as narrativas históricas dão às crianças a possibilidade de se colocar no lugar do outro sendo um importante exercício de empatia para a generosidade. As histórias contribuem nesse sentido para a construção de atitudes e

comportamentos mais justos bem como para a sensibilização do agir moral da criança diante de situações conflituosas.

Durante todos os encontros foram trabalhados com as crianças valores extremamente necessários ao contexto em que elas estavam envolvidas. Elas responderam bem as atividades, estiveram atentas as histórias e ao que era solicitado posteriormente, no entanto, embora trabalhados os valores durante essas semanas, os conflitos entre elas permaneciam, as brigas, implicâncias, preconceitos e desrespeito ainda estavam presentes no ambiente da sala de aula.

Para fins de reconhecimento da história da cada criança, da maneira com que elas veem suas casas, famílias, sua escola, o que gostam de fazer, também foram feitas brincadeiras pedidas por elas e atividades que pudessem captar esses sentimentos da criança com relação ao mundo que a cerca. Ao fim das observações e do período de intervenção, foi feita uma árvore de valores, no qual as crianças foram convidadas a relembrar tudo que foi trabalhado e a se comprometer com os valores do dia a dia.

2.3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE ENFATIZAM VALORES

Nesta parte do trabalho são apresentas as práticas pedagógicas realizadas no estágio. As atividades foram feitas e desenvolvidas em sala de aula, em uma turma multisseriada com crianças des 6 a 9anos, todas elas perpassam diretamente ou indiretamente o tema de valores humanos e foram planejadas de acordo com as necessidades e demandas da turma.

PRÁTICA PEDAGÓGICA 1 – VALORES HUMANOS

Essa prática teve o objetivo de promover a socialização de ideias e desenvolver nas crianças um pensamento reflexivo acerca de suas práticas cotidianas baseadas em valores humanos. Durante o primeiro encontro sobre valores, as crianças foram perguntadas sobre o que elas entendiam pela palavra valores humanos e solicitadas a darem exemplos para serem escritos no quadro. Após a indagação foi dada uma explicação de cunho mais teórico sobre os diferentes valores, sua importância na vida das pessoas, exemplos de valores do dia-a-dia e foi pedido as crianças que a partir do que haviam entendido fizessem um quadro com os valores com os quais mais se identificaram.

O encontro sobre a introdução dos valores humanos para os alunos correu bem, no entanto, foi um pouco complicado, as crianças demonstraram bastante dificuldade, de início, em falar sobre o que entendiam por valores, timidamente um ou outro se arriscou a falar em valores materiais, bens materiais. Foi possível perceber nesse primeiro contato das crianças com o tema que a associação da palavra valores para elas não estava relacionada a sentimentos, normas morais ou éticas, mas depois da explicação o tema pareceu soar melhor para as crianças, embora ainda complicado.

Os exemplos dados pelos alunos foram desabrochando aos poucos, saíram valores e situações da boca deles, saiu amor, saiu respeito e saiu também ajudar uma senhora a atravessar a pista, o que demonstra o entendimento do assunto e a aplicação numa situação concreta, mesmo que o tema ainda tenha ficado um pouco embaçado na cabeça deles.

Tratar valores humanos, não é fácil, por ser um tema abstrato que se concretiza em situações cotidianas, mas a resposta das crianças a aula foi ótima e muito interessante, aprender é construir e reconstruir conceitos, nesse caso o objetivo desse dia foi bem atingido.

PRÁTICA PEDAGÓGICA 2 – QUEM SOU EU?

Essa prática tem o objetivo de conhecer a história de cada educando, bem como suas características pessoais, seus gostos e formas de pensar e proporcionar a eles a apropriação de sua identidade e a valorização e o reconhecimento de si próprio. Seu desenvolvimento se deu a partir da solicitação de que os alunos socializassem um pouco com a turma sobre como se chamam, falassem sobre a história de seu nome, quais as coisas que mais gostam e suas características principais. Depois do momento de socialização foram convidados a desenhar coisas que os agradam e que gostam de fazer.

Nesse primeiro encontro com ênfase em valores, foi explicado às crianças sobre o que elas deveriam fazer, primeiramente, a professora se apresentou, se descreveu fisicamente, falou de seus gostos, qualidades e defeitos, contou sobre a história e significado de seu nome, do que não gosta de fazer e sobre o que a faz feliz.

Após o primeiro momento, as crianças foram sentadas e organizadas em círculos e convidadas a falar um pouco sobre si mesmas. No início, houve um momento de silêncio, ninguém queria começar falando. A professora então os instigou com a seguinte pergunta:

Será que ninguém aqui se conhece de verdade? Aos poucos as risadas foram dando lugar aos pequenos comentários e lá estavam as crianças começando a se abrir. O primeiro, já se descreveu como bagunceiro, rápido e falou que gostava de carros, não sabia sobre a história do seu nome.

A maioria das crianças se descreveu em poucos detalhes, em pequenas frases como: “gosto de brincar”, “de estudar”, “tenho cabelo curto” e “gosto do meu nome”. Em meio a atividade algumas pequenas confusões foram criadas, alguns faziam chacota de como o outro se via. Por esse motivo a aula foi interrompida por algumas vezes, para que a professora pudesse intervir e as crianças pudessem refletir sobre as brincadeiras de mau gosto e repensar seus atos para com os colegas.

Depois da socialização, as crianças fizeram desenhos, demonstrando as coisas que gostavam ou não de fazer. Os desenhos mostraram que brincar, soltar, pipa e jogar bola estão entre as preferências da grande maioria. A atividade em si foi bastante proveitosa, as crianças participaram, se agitaram um pouco, mas correu tudo tranquilamente e como esperado e elas viram que possuem individualidades e diferenças em relação aos colegas, portanto, estas devem ser respeitadas e esses fatores os tornam únicos.

PRÁTICA PEDAGÓGICA 3 – OLHAR PARA O PRÓXIMO

Essa prática objetivou desenvolver atitudes solidárias de forma que cada criança reconheça o outro como importante, respeitando suas individualidades e diferenças. Foi solicitado aos alunos que se sentassem em duplas, assim que as duplas se definiram foi pedido a eles que conseguissem descobrir o maior número de informações sobre o outro colega em determinado tempo, quando esse tempo se esgotasse eles deveriam se trocar de dupla e repetir o procedimento. Depois de três rodadas seguidas de trocas de informações entre as crianças, elas se sentaram no chão e em círculo e foram convidadas a falar sobre o que haviam aprendido em relação aos colegas. Posteriormente, voltaram as suas mesas e tiveram que escrever em uma folha as principais semelhanças e diferenças entre eles e os colegas.

A oficina do dia proporcionou as crianças um aprendizado enorme, isso porque o projeto conta com crianças grandes e pequenas na mesma sala e também crianças brancas e negras. Era perceptível no projeto uma grande diferença de tratamento das crianças maiores para com as menores e de outras crianças para com as negras. Infelizmente, o preconceito era

visível, tanto no comportamento das crianças que causavam o bullying quanto no comportamento das que sofriam.

Essa oficina trouxe um enriquecimento de condutas tolerantes, respeitosas e cordiais entre as crianças e perpassou todos esses valores transversalmente. Durante a oficina eles foram convidados justamente a compreender e aceitar o próximo na sua diferença. O resultado foi muito gratificante, uma vez que as crianças demonstraram um alto grau de compreensão sobre a importância do próximo. O momento de socialização, no qual elas se habilitavam a falar do outro, foi imprescindível para que elas percebessem que todos têm gostos, vontades, sentimentos e principalmente diferenças.

PRÁTICA PEDAGÓGICA 4 – VALORES HUMANOS: AMIZADE

O objetivo dessa prática foi demonstrar a importância de se ter amigos, incentivando o respeito mútuo pelo próximo, respeitando as diferenças, buscando a diminuição dos conflitos entre as crianças e uma convivência pacífica. O primeiro valor concreto a ser trabalhado com as crianças foi a amizade, em virtude das brigas, implicas e desrespeito com o qual algumas crianças se tratavam, o tema foi muito relevante para a restauração do respeito e da consciência das crianças em relação aos colegas. Como de costume as crianças foram perguntadas sobre o que era amizade e se elas tinham amigos.

Em um segundo momento da aula, as mesas foram colocadas de lado para uma dinâmica que era o seguinte: cada criança ganhava um pedaço de papel e deveria escrever nesse papel uma qualidade do colega sem que ele pudesse ver e ao final deveria colar o papel nas costas dele. Depois que todos tivessem papéis colados nas costas, deveriam tira-los, lê-los para a turma e falar como se sentiram a partir da qualidade que receberam.

A aula foi iniciada com o questionamento sobre o que significava amizade, as crianças respondiam que era ter amigos, mas foram novamente questionadas sobre o que era a amizade, quais sentimentos tinham a ver com amizade. Respostas como amor e brigas surgiram na conversa e as crianças ficaram balançadas com as definições dúbias que elas mesmas deram, o que enriqueceu ainda mais a conversa sobre o assunto.

Após as conversas a respeito do sentido da amizade e dos sentimentos que estão envolvidos com essa palavra, a oficina foi explicada, no início não foi muito bem recebida, a

tarefa de ter que escrever e ao mesmo tempo elogiar o colega não pareceu muito convidativa, mas as crianças acabaram aceitando e se divertindo ao verem as qualidades que os colegas iam recebendo, surgiram características como legal, amiga, engraçado e também chato e feio, às últimas características foi solicitada mudança, uma vez que o objetivo era ver o lado bom do colega, o motivo pelo qual é ele amigo.

O fim da dinâmica correu bem, todos gostaram de ser elogiados, e quem é que não gosta? O importante ao fim foi mostrar as crianças que todos têm particularidades que os tornam especiais, cada um possui suas próprias qualidades e que saber reconhecê-las no próximo é uma virtude.

PRÁTICA PEDAGÓGICA 5 – VALORES HUMANOS: COOPERAÇÃO

Essa prática teve como objetivo promover o desenvolvimento de atitudes cooperativas e solidárias entre os alunos e estimular o trabalho em grupo. Foi lida para as crianças uma pequena história sobre um homem cego e um aleijado que estavam perdidos numa floresta e ao se encontrarem descobrem que se ajudando podem conseguir sair dali. Após a história foi feita uma discussão a respeito da história e por fim, foi feita uma brincadeira em duplas chamada: o rabo do burro.

O encontro começou com a contação de uma história, as mesas e cadeiras foram agrupadas em um canto da sala para que as crianças pudessem se sentar no chão. Em seguida, começou-se uma conversa com as crianças sobre o que elas haviam acabado de escutar, quais as lições tiraram da história e quais valores puderam notar presentes na história. Todos começaram a falar ao mesmo tempo, querendo participar da conversa, assim que se acalmaram, foi possível continuar a discussão em relação ao tema. Sobre os valores presentes, as crianças identificaram a amizade, a solidariedade, o respeito e sobre as lições a de que uns devem ajudar aos outros.

Foi conversado com as crianças então, sobre a importância da cooperação, de ajudar o próximo, de ter amigos e pessoas que possam auxiliá-los e sobre as dificuldades de se viver sozinho, sem ninguém com quem se possa contar.

No terceiro momento da aula, quando o assunto já estava mais claro para as crianças, foi sugerida uma oficina, chamada de rabo do burro. As crianças deveriam formar duplas e

uma delas deveria colocar a venda nos olhos. No quadro branco foi desenhado um burro e a criança vendada teria o dever de colocar o rabo do burro no lugar certo por meio da orientação do colega. As crianças formaram duplas, assim que a brincadeira começava a criança vendada era rodada três vezes com o rabo do burro na mão e tinha 1 minuto para colocá-lo no lugar certo.

A oficina fez surgir conflitos entre as duplas, brigas, piadas entre os participantes, quando isso começou a acontecer, a brincadeira foi interrompida, as crianças foram sentadas e questionadas sobre o que estava sendo trabalhado e se o comportamento delas estava sendo adequado. Elas se calaram e assentiram como que concordando com o erro, ficou combinado então que piadas de mau gosto e desentendimentos não deveriam acontecer, uma vez que uns precisavam dos outros e cada um estava dando seu melhor. Assim, a brincadeira recomeçou e continuou de forma muito divertida, com as duplas invertendo o papel para que todos pudessem ver as dificuldades presentes nos dois lados.

Essa oficina serviu para mostrar para as crianças que embora elas demonstrem ter consciência dos valores e regras que precisam seguir para conviver bem com o próximo, na prática as coisas nem sempre são como imaginado, por isso a importância de sempre refletir os atos antes de fazê-los ou mesmo depois e reconhecer seus erros para evitar brigas e desentendimentos desnecessários.

PRÁTICA PEDAGÓGICA 6 – VALORES HUMANOS: RESPONSABILIDADE

O objetivo dessa prática foi fazer com que os alunos entendam o que significa ser responsável por seus atos e refletir sobre as responsabilidades que cada um tem no seu dia a dia. Leitura da história da Tartaruga de autor desconhecido, do livro *Aprendendo Valores Éticos* de Márcia Botelho. Discussão sobre a história e reflexão sobre a lição deixada.

O encontro foi iniciado com uma história sobre uma tartaruga perdida em um bosque e sem memória e que ao final conhece uns anões que a aconselham a sempre que não souber o que fazer ou não se lembrar de algo, colocar a cabeça para dentro da couraça e pensar.

Quando a história foi finalizada, as crianças foram colocadas em círculo na sala para conversarem sobre o que acharam da história, se gostaram e qual foi a lição aprendida. A mensagem da história pareceu estar nebulosa na cabeça das crianças, uma vez que a tartaruga

estava com amnésia e deveria colocar a cabeça para dentro da couraça para se lembrar. A professora, então explicou a história mostrando para as crianças a relação que poderia ser feita com a vida delas.

No segundo momento da aula foi solicitado aos alunos que pensassem em suas responsabilidades do dia a dia tanto dentro da escola quanto em casa e com os amigos, e que escrevessem em uma folha quais são elas. Depois deveriam marcar aquelas que costumam cumprir e aquelas que deixam de lado.

Passado esse momento, foram convidados aqueles que se sentissem a vontade de falar o porquê de não cumprir com todas as suas responsabilidades. O número de voluntários foi pequeno, dois ou três se habilitaram, mas foi o suficiente para iniciar mais uma conversa com a turma sobre a importância de se assumir as suas responsabilidades sejam elas obrigações em casa, ou tarefas da escola e sempre assumir seus erros, não os atribuindo aos outros.

PRÁTICA PEDAGÓGICA 7 – VALORES HUMANOS: RESPEITO

Essa prática teve o objetivo de promover atitudes que sensibilizem os alunos a respeitarem as pessoas, as regras e a natureza, bem como incentivar o respeito às diversidades. A palavra respeito foi escrita em letras grandes e de forma no quadro, foi perguntado as crianças qual era o significado da palavra escrita. A história do patinho feio foi lida e discutida com as crianças. No fim, foi feita uma dinâmica sobre a exclusão e a falta de respeito.

No início do encontro as crianças estavam bem agitadas na sala, a professora, sem falar nada, chegou ao quadro e escreveu a palavra respeito em letras grandes e de forma. Em questão de minutos as crianças se sentaram e se calaram como se estivessem se sentindo culpadas pela agitação normal de início de aula.

Curiosas e inquietas, umas e outras leram a palavra em voz alta e ficaram investigando o que estava se passando. A professora então deu boa tarde para as crianças e perguntou se elas sabiam o que significava a palavra escrita no quadro. Algumas disseram respeito, outras disseram respeitar os outros, obedecer à mãe, obedecer à professora. Uma conversa dialogada com as crianças se iniciou, foram pedidos mais exemplos de respeito no dia a dia e foi perguntado se era um valor importante e por que. Respostas como: cuidar do irmão, respeitar

os pais, respeitar o sinal (de trânsito) apareceram e ao serem perguntadas sobre a importância todas consentiram positivamente, alguns esboçaram até um: “MUITO IMPORTANTE”. Já o porquê foi respondido com alguns: “porque senão as pessoas iam brigar”, “porque senão ninguém ia respeitar os pais”.

Após o momento de diálogo com as crianças foi lido o livro do Patinho Feio para elas que mostraram se sensibilizar com a história do pobre patinho feio renegado pela família, mas logo se animaram com o final feliz e a história de superação do animalzinho. Provocados a comentar sobre a história, todos demonstraram ter entendido a lição deixada, de que todos são especiais com suas singularidades.

No último momento foi feita uma oficina, na qual, uma criança de cada vez teria os olhos vendados por alguns minutinhos e era colocada no canto da sala enquanto a aula continuava. A ideia era por alguns minutos fazer as crianças perceberem como é ruim se sentir excluído e deixado de lado. A agonia ficou clara na reação deles, que se mostraram impacientes e inquietos durante o curto tempo no escuro.

O fim da aula foi em silêncio, foi pedido as crianças que refletissem sobre suas atitudes com os colegas, com as pessoas que não gostam e que se colocassem por alguns minutos no lugar delas para entender como elas se sentem quando são humilhadas, xingadas e deixadas de lado. Foi uma oficina muito interessante de se observar, as crianças puderam sentir o incômodo de se estar sozinho e excluído em meio a tantas pessoas.

PRÁTICA PEDAGÓGICA 8 – VALORES HUMANOS: ALEGRIA

Essa prática teve o objetivo de oportunizar momentos de reflexão sobre as diversas formas de ser alegre e feliz. Foi feita a leitura de uma história da linha de livros Valores Cristãos da editora SBN, interpretação de texto, conversa dialogada com a turma e desenho sobre o que faz as crianças felizes.

O encontro começou com a leitura de uma história sobre a alegria, a história girava em torno de um senhor japonês que havia perdido uma das pernas na segunda guerra mundial, mas ainda assim era um senhor sorridente e alegre. Ao fim da história as crianças receberam uma folha com algumas perguntas de interpretação de texto, perguntando sobre o personagem

principal da história, o que havia acontecido com ele, que parte do corpo ele havia perdido entre outras questões.

Num segundo momento, quando todos já tinham finalizado suas atividades, foi feito um círculo de conversa no qual cada um deveria falar algum motivo que o faz feliz, ou que significa alegria pra eles. As respostas ficaram entre brincar, meus pais, jogar futebol, comer e passear. No fim da aula, eles receberam folhas coloridas e ficaram livres para desenhar, escrever, recortar qualquer coisa que os deixasse feliz.

A dinâmica foi bem recebida pelas crianças que participaram bastante e prestaram muita atenção na história, os desenhos finais, resultaram em origamis, aviões de papel, desenhos de carros de corrida, piscinas e campos de futebol.

PRÁTICA PEDAGÓGICA 9 – O QUE EU GOSTO E O QUE EU NÃO GOSTO NA ESCOLA

Essa prática teve objetivo descobrir os sentimentos das crianças em relação da escola e oportunizar momentos de reflexão sobre a importância da escola. O encontro começou com um momento de instigação a respeito do porque a escola é importante para a vida das pessoas, dos alunos, dos professores, das famílias e da sociedade, os alunos foram provocados a dizer o que pensam da escola, o que gostariam que tivesse nela e o que não gostam. Depois foram convidados a desenhar e ilustrar as melhorias que fariam na escola. Num segundo momento foram convidados a escrever e falar sobre as coisas que gostam de fazer fora da escola.

Uma reclamação muito comum das crianças, que são praticamente todas da mesma escola, era em relação à estrutura da escola e aos professores. Pensando nisso, a aula começou com uma breve explicação a respeito das responsabilidades da escola e da sua importância para o presente e o futuro dos alunos.

Nesse momento, algumas crianças riram, falaram em alto e bom tom que não gostavam da escola, que a escola era chata e que preferiam não ir à escola. Foram perguntados, então sobre o porquê alimentavam tantos sentimentos negativos em relação à escola. As principais reclamações foram as de que não há parquinho, nem piscina, a escola é feia, mal cuidada e as professoras são chatas.

Num segundo momento, após a revelação da insatisfação com as professoras por parte das crianças, elas foram perguntadas sobre o que os professores fazem que os desagrada e qual o motivo levaria os professores a agir de tal maneira. A resposta à primeira pergunta foi a de que as professoras gritam, passam muito dever e brigam muito com eles e a resposta à segunda pergunta foi quase unânime: “a bagunça”. Dessa forma, as crianças tiraram um tempo para pensar em possíveis soluções e refletir sobre o que tinham acabado de falar. Num terceiro momento, foi solicitado a elas que desenhassem o que tinha de bom na escola e depois compartilhassem com os colegas.

No geral, essa atividade foi muito proveitosa, as crianças responderam bem as expectativas e puderam perceber o porquê de determinadas atitudes da professora, embora nem sempre justificáveis. Reforçando a importância de também se reconhecer os lados positivos da escola e não só os negativos, e elas souberam encontrar além das críticas, também coisas boas, como o aprendizado, os amigos, os momentos de brincadeiras, o alimento entre outros.

PRÁTICA PEDAGÓGICA 10 – NO QUE A ESCOLA PODE MELHORAR

Como uma continuação do encontro passado, no qual alguns dos objetivos propostos não puderam ser concluídos, o assunto da escola foi retomado com as crianças, elas prontamente se lembraram do que havia sido trabalhado e conversado em sala. Uma discussão se iniciou e foi perguntado a elas, o que fariam se pudessem fazer melhorias na escola, muitas se calaram, algumas foram longe com a imaginação e pensaram em colocar pistas de avião e videogames.

Na segunda parte da aula, as crianças desenharam o que mudariam ou melhorariam na escola, surgiram nos desenhos parquinhos, piscinas e quadras de esporte. Essa continuação de atividade foi interessante por colocar as crianças em uma posição privilegiada de escolher as prioridades do que deveria ser melhorado e por revelar o que elas sentem falta na escola delas.

PRÁTICA PEDAGÓGICA 11 – NATUREZA

O objetivo dessa prática foi observar e registrar fenômenos naturais e desenvolver a noção sobre a importância de se respeitar a natureza. O desenvolvimento se deu a partir da

observação da área de fora do prédio e conversa sobre a natureza. Explicação dialogada com as crianças sobre os benefícios da natureza e questionamento sobre os cuidados que se deve ter com ela. Por fim, foi feita uma atividade contra o desmatamento, no qual os alunos tiveram que completar um desenho e pintar.

O encontro foi iniciado com um pedido as crianças: que olhassem o lado de fora pela janela e falassem o que estavam vendo e depois relacionassem com o assunto do dia que era natureza. À medida que eles iam falando, a professora ia anotando no quadro as observações para posteriormente utiliza-los durante a explicação sobre a natureza, os benefícios que ela traz a sociedade e a importância de se evitar a poluição e o desmatamento.

O assunto agitou as crianças, que logo se prontificaram a participar falando sobre quais os cuidados que se deve ter com a natureza e por que. Entre as respostas estavam “porque a cidade tem que ficar limpa”, “porque as plantas precisam ser cuidadas”, “porque precisamos da natureza para viver” e “não podemos jogar lixo na rua e nem maltratar os animais”.

No momento final da aula foi passada uma atividade cujo tema era natureza, as crianças deveriam completar o desenho de uma floresta desmatada e torná-la saudável novamente. O resultado dos desenhos foi muito bom, as crianças compreenderam exatamente o que era pra ser feito e restauraram as florestas desmatadas em seus desenhos.

PRÁTICA PEDAGÓGICA 12 – FESTA JULINA

O objetivo dessa prática foi proporcionar momentos de descontração e divertimento entre os alunos, oportunizar o trabalho coletivo, o conhecimento sobre diferentes alimentos e sua importância, além de incentivar atitudes de respeito, responsabilidade, cooperação entre outros. Foram entregues as crianças papéis coloridos e revistas e pedido a elas que fizessem enfeites e bandeirinhas para decorar a sala de aula e deixá-la bem bonita. No segundo momento da aula, receberam um desenho relacionado e tema e tiveram que completá-lo e colori-lo.

As crianças estavam bem agitadas no dia da decoração da sala, mas a atividade não poderia ter sido melhor. As revistas e papeis coloridos foram divididos entre as crianças, assim como os outros materiais necessários para recortar. Foram feitas bandeirinhas de todas

as formas e quando o tempo foi ficando curto foi sugerido que as crianças que já haviam terminado os seus papéis, ajudassem as outras que ainda estavam recortando.

Assim que as bandeirinhas e fitas ficaram prontas, foi feita uma força tarefa para coloca-las no barbante, alguns seguraram o barbante, outros as bandeirinhas e outros ainda ajudaram a professora a colar. A sala ficou muito bonita e as crianças muito animadas ao perceberem que toda a beleza da sala era fruto do esforço delas.

Pouco tempo restou para que o restante do planejamento fosse finalizado, mas ainda deu tempo das crianças colorirem desenhos de festa julina e completarem com os enfeites e comidas típicas que estavam faltando. Essa última parte foi bastante descontraída e tranquila. No fim, todos tiveram que juntar os materiais e papéis que estavam no chão para guardar e jogar no lixo respectivamente.

Foi interessante observar, que embora não tenha dado tempo de finalizar todos os planejamentos para o dia, o empenho das crianças em terminarem o que haviam começado e a disponibilidade para ajudar os colegas mais atrasados com a atividade mostrou o resultado da conscientização delas com os valores trabalhados por meio de práticas concretas em sala e com os colegas.

PRÁTICA PEDAGÓGICA 13 – FESTA JULINA

Na semana seguinte com a sala ainda enfeitada pelas bandeirinhas feitas pelas crianças, o tema ainda era o mesmo, mas a atividade era outra. As crianças foram indagadas sobre o que sabiam da festa julina, quais eram as comidas e danças típicas e as suas principais características. À medida que elas iam falando, a professora ia escrevendo no quadro tudo que era relacionado à festa julina. Após conversar sobre as danças e características da festa, o foco foi para os tipos de alimentos e a sua relação com a saúde.

Algumas figuras de alimentos como: milho, cachorro quente, pipoca, churrasquinho, canjica, chocolate, biscoito e tomate, foram distribuídas pela sala. Depois, foi feita uma pirâmide alimentar na qual as crianças depois da explicação deveriam encaixar os alimentos recebidos.

A pirâmide alimentar não causou muita estranheza, algumas crianças, a maioria, parecia já ter tido contato com ela. Foi feita uma explicação teórica sobre a pirâmide

alimentar, os cuidados que se deve ter com a alimentação para manter o corpo saudável, as frutas que as crianças costumam lanchar no projeto também foram colocadas na pirâmide com o intuito de que eles soubessem os benefícios trazidos por cada uma delas.

Ao final da parte teórica, as crianças foram convidadas a encaixar os alimentos recebidos na pirâmide alimentar e a falar se gostavam dele, se ele fazia bem para a saúde e se era comum em festas julinas. A resposta foi muito positiva embora alguns tenham ficado intimidados de ter que ir à frente da sala falar sobre o seu alimento. A lição tirada foi muito boa, as crianças aprenderam sobre a importância dos alimentos, de uma alimentação saudável, sobre evitar o desperdício e acima de tudo a trabalhar em conjunto e ajudar os outros.

PRÁTICA PEDAGÓGICA 14 – COPA DO MUNDO 2014

O objetivo dessa prática foi reconhecer as diferenças entre os países participantes da Copa do Mundo de 2014 e incentivar o sentimento patriótico com o intuito de valorizar o país de origem. O desenvolvimento de seu a partir da discussão e explicação teórica sobre a Copa do Mundo, momentos de socialização sobre o que as crianças conheciam do evento, conhecimento de outras culturas diferentes da brasileira e atividade lúdica sobre Brasil e Japão.

Os alunos foram questionados sobre o evento esportivo de grande notoriedade que aconteceria em 2014. Alguns demonstraram dúvidas, outros acertaram de primeira. Depois foram perguntados sobre o que era copa, de quanto em quanto tempo acontecia e quanto tempo durava, essas perguntas pareceram mais complexas, portanto, houve um momento de explicação sobre a copa, sobre algumas de suas curiosidades, os países participantes e sua importância.

No momento seguinte, uma criança foi escolhida para sortear um país, participante da copa, além do Brasil, para ser estudado. O país sorteado foi o Japão. A partir disso, as crianças foram perguntadas sobre o que conheciam da cultura japonesa e quais eram as diferenças para o Brasil. “OLHOS PUXADOS” foi a resposta unânime da turma, o conhecimento das crianças em relação ao país sorteado era naturalmente pequeno por isso a necessidade mais um momento teórico na aula para uma breve explicação sobre as características principais do Japão e do povo japonês, como tamanho do país, cultura e

alimentação. No final da aula, as crianças receberam papel crepom, cola, e folhas para ilustrarem as bandeiras do Brasil e do Japão.

Essa atividade foi importante para promover nas crianças o respeito às diferentes culturas e ao próprio país. Foi importante também porque elas puderam se inteirar mais sobre esse evento mundial de grande importância que é a Copa do Mundo.

PRÁTICA PEDAGÓGICA 15 – ÁRVORE DOS VALORES

Essa prática objetivou recordar e reforçar o respeito aos valores e a importância em segui-los na vida cotidiana promovendo também uma reflexão por meio destes. O desenvolvimento se deu a partir da criação de uma grande árvore no qual os frutos seriam os valores e as crianças teriam a função de colocar os frutos na árvore, se comprometendo com o valor escolhido e dividindo com a turma as suas impressões sobre aquele valor.

O penúltimo encontro com ênfase em valores começou com um pedido de ajuda as crianças, foi pedido a elas que auxiliassem a professora a colar uma grande árvore feita de cartolina verde e marrom na parede da sala. Este acontecimento já causou muita curiosidade nas crianças, que começaram a perguntar incessantemente sobre o que se tratava a árvore. A professora esclareceu que se tratava de uma árvore dos valores e que os frutos dessa árvore estariam numa caixa, assim, as crianças deveriam ir até a caixa e escolher um valor com o qual se identificassem e depois deveriam sentar em seus lugares.

Cada criança ficou responsável por um valor diferente e foi solicitado a elas que dessem um exemplo de como o valor escolhido por elas poderia ser visto no dia a dia e também que falassem sobre as atitudes que já tiveram que envolvessem esse valor. Depois as outras crianças eram convidadas a falar sobre o valor do colega e o que ele representava.

As crianças timidamente foram se enturmando com a atividade, mas para isso, foi preciso que a professora começasse com um valor e o escolhido foi a solidariedade. Nesse momento alguns já levantaram a mão e começaram a falar que ser solidário era o mesmo que ajudar os outros. Assim, a atividade correu, as crianças escolheram liberdade, justiça, amor, educação, compreensão, esperança dentre outros. Demonstraram sabedoria ao citarem exemplos como: amar a família e a natureza, ser bom e amigo, ajudar os outros, respeitar os mais velhos, os animais, respeitar a liberdade do outro, não ter preconceitos.

No fim, foi solicitado que cada criança levantasse de sua mesa e colasse o seu fruto (valor) na árvore e que a partir daquele momento eles deveriam zelar pelos seus valores e cuidar da árvore. A árvore no fim ficou cheia de frutos e foi assinada pelas crianças como prova de comprometimento com os valores no seu dia a dia.

O penúltimo encontro soou praticamente como o término de um ciclo com as crianças, que definitivamente deveria não só permanecer nas quatro paredes da sala de aula, mas sair dali para o mundo afora. Elas se interessaram, participaram e se empenharam em cuidar da árvore que agora estava sob a responsabilidade de todos.

PRÁTICA PEDAGÓGICA 16 – OFICINA SURPRESA E **CONFRATERNIZAÇÃO**

O objetivo desse encontro foi promover uma socialização saudável sobre a finalização dos encontros, entrevistar algumas crianças e confraternizar pelo fim do trabalho. A atividade foi desenvolvida a partir da aplicação de uma oficina surpresa, entrevista com algumas crianças de diferentes idades e confraternização com refrigerante e bolo ao fim da aula.

O encontro começou com o cumprimento as crianças e uma conversa sobre o que elas tinham achado dos últimos encontros. A resposta foi bem positiva e as crianças ficaram bem animadas quando viram que tinha uma sacola com um presente na mão da professora.

Após os primeiros cumprimentos e trocas de informação entre a professora e as crianças a oficina foi explicada. Havia um pote com várias características dentro dele, as crianças deveriam se sentar em roda e uma de cada vez deveria pegar um papel e ler a característica escrita nele, após fazer a leitura, deveria entregá-lo ao colega que, em sua opinião, é caracterizado pela qualidade descrita no papel, o que eles não sabiam é que a criança que recebesse o papel com a palavra “solidária” escrita é que receberia o presente, lembrando que todos deveriam receber e que uma pessoa poderia receber mais de um.

A oficina correu tranquilamente, entre as características de legal, engraçado, sorridente, distraído, brincalhão as crianças foram reconhecendo umas nas outras qualidades interessantes e aprendendo a valorizar os colegas. Assim que os papéis acabaram, foi revelado que a criança cujo papel estivesse escrito “solidária” receberia o presente. Quem ganhou o

presente foi uma menina de 7 anos de idade e bastante tímida. As outras crianças em contrapartida demonstraram decepção por terem perdido a chance de ganharem o presente.

A menina escolhida seguiu com a professora para uma sala vazia e recebeu a seguinte orientação: “abra o presente e distribua igualmente entre seus colegas”. Ela concordou e seguiu para a sala com a caixa de bombom, distribuindo um para cada criança, todos ficaram felizes em poder receber uma parte do presente. Num segundo momento as crianças arrumaram as mesas para receberem os lanches da confraternização, lancharam bolo e tomaram refrigerante.

ENTREVISTAS

Após o lanche algumas crianças de idades diferentes foram escolhidas aleatoriamente e convidadas a responderem uma pequena entrevista relacionada aos encontros passados. Foram escolhidos cinco meninos com idades entre 6 e 8 anos, com temperamentos e comportamentos distintos dentro de sala e que estiveram presentes em praticamente todos os encontros. Antes da entrevista eles foram informados de que a entrevista era pra um trabalho da faculdade e de que seus nomes não seriam citados em momento algum logo, poderiam ficar tranquilos, os pais e os responsáveis pelas crianças foram informados de sua participação e consentiram uma vez que o sigilo da identidade das crianças foi assegurado.

As crianças foram chamadas individualmente a uma mesa no canto da sala para conversar sobre a concepção que elas tinham de valores a partir das oficinas feitas em sala, a importância dos mesmos e sobre onde elas aprendem sobre eles. As questões norteadoras da entrevista estruturada foram:

- 01)** Como você entende a palavra valores? O que significa pra você os valores que trabalhamos em sala como solidariedade, responsabilidade?
- 02)** Como esse assunto é tratado na sua escola? Alguém fala disso?
- 03)** E na sua casa?
- 04)** Como você acha que seria o mundo se não existissem valores?

RESPOSTAS

L. – 6 anos

- 01) É ajudar os pobres, ajudar todas as pessoas que são pobres, a gente tem que comer tudo porque se sobrar tem os pobres que querem.
- 02) Fala, fala que precisamos crescer e ajudar as pessoas e dar as coisas pra elas. A minha professora fala que não podemos bagunçar e temos que ficar quietos e ajudar.
- 03) Em casa a gente nunca briga, minha mãe fala pra gente ficar quieto e ajudar a arrumar a casa e nem xingar, eu sou bonzinho, me comporto.
- 04) O mundo ia acabar em brigas.

F. – 8 anos

- 01) Valorizar as coisas do mundo. Ah valores, daquele da árvore? São valores dos colegas, respeito.
- 02) Ninguém fala disso na minha escola, as professoras falam pouco, só escrevem no quadro. Quando a gente briga elas levam pra direção, não falam nada mais pra gente.
- 03) Na minha casa ninguém fala disso. Eu separo as brigas e minha mãe me manda devolver quando eu apanho. Eu não respeito os outros, minha mãe me ensina a respeitar, eu não respeito ninguém, mas eu estou tentando me controlar.
- 04) A cidade ia tá pegando fogo com bandido roubando.

J. H. – 8 anos

- 01) Dinheiro, colar. Os da aula? É respeitar os outros. Respeitar é ajudar uma senhora a atravessar a rua. Solidariedade é igual solidão?
- 02) A professora fala que tem que respeitar, mas ela não respeita, só fala.
- 03) Minha mãe fala que eu tenho que ser bom e respeitar minha avó.
- 04) Uma droga, todo mundo ia morrer.

A. – 8 anos

- 01) Valores são importantes. É importante porque ensina.
- 02) A professora fala que não devemos brigar que temos que respeitar os outros, não fazer brigas. As crianças brigam muito e não escutam. Eu não brigo.

- 03) Eu não brigo com as minhas irmãs, minha mãe fala pra eu não rir delas quando o pai briga ou quando elas se machucam. Eu as ajudo no dever de casa.
- 04) Não dá pra viver sem porque senão iríamos ficar sem amigos.

AL. – 7 anos

- 01) Respeitar os outros, não bater, não empurrar e nem jogar lixo no chão.
- 02) Sim, a professora fala pra não bater nos outros, nem bater, nem empurrar, nem dar murro na cara. Algumas pessoas respeitam, outras brigam, é importante a gente falar pra tia quando tem briga, isso é ajudar.
- 03) Não pode brigar, nem pular.
- 04) Todo mundo ia brigar.

2.3 DOS CONFLITOS AOS VALORES: ANÁLISE DOS RESULTADOS

Diante da experiência obtida com as práticas pedagógicas que enfatizaram valores e dos resultados das entrevistas com as crianças foi possível perceber que na maioria das vezes as crianças transgridem as regras e normas, embora conheçam os valores. No entanto, elas os consideram de grande relevância, os relacionam diretamente com a resolução e/ou diminuição de conflitos, bem como, buscam uma preservação de sua autoimagem na qual se intitulam, em geral, como crianças com comportamentos exemplares diante de situações corriqueiras.

Essa relação dos valores para com os conflitos provocou inclusive nas crianças participantes um impacto de maneira que elas mesmas reconheceram os valores como imprescindíveis para a manutenção da ordem e da harmonia na sociedade, relacionando a ausência destes diretamente aos conflitos e confusões do dia a dia.

A indisciplina hoje em dia se configura como um problema muito comum principalmente dentro das escolas e vêm tornando a convivência dentro de sala muito complicada não passando despercebida nem pelas crianças, como ficou evidente a partir da entrevista aplicada em sala. Por isso, a importância de se trabalhar os valores em busca de resultados efetivos em prol da melhoria da convivência em espaços onde se estabelecem relações de qualquer natureza.

O primeiro fato que deve ser levado em consideração é o de que a criança é um ser em constante desenvolvimento e que como afirmam Borges e Marturano (2012) ainda não

dispõem de recursos cognitivos para lidar com situações de conflito. Essa imaturidade pode levá-las a agir de forma violenta ou inadequada simplesmente pelo fato de não saberem como agir de outra maneira.

[...] a criança não tem ainda a capacidade de um adulto de compreender as situações interpessoais em toda a sua complexidade; tem menos opções para lidar com os problemas; seus recursos cognitivos para selecionar estratégias apropriadas de enfrentamento são menos desenvolvidos; sua capacidade de controlar a raiva e outras emoções está em construção. Portanto, não podemos esperar dela comportamentos maduros, adultos. (BORGES; MARTURANO, 2012, p.41).

Perante as circunstâncias cabe ao professor a tarefa de exprimir em atitudes visíveis o que espera das crianças, ou seja, tornar evidentes as possibilidades que elas têm diante das situações enfrentadas ao invés de simplesmente puni-las e corrigi-las verbalmente sem dar a elas opções claras e palpáveis de mudança de conduta. Por essa razão as oficinas aplicadas em sala buscaram não só o ensinamento, mas também a apropriação dos valores por parte das crianças, bem como uma mudança concreta de comportamento, em busca de uma convivência social mais saudável.

Dizer a uma criança que ela tem de respeitar o próximo muitas vezes é vago o bastante para que ela não consiga traduzir em comportamentos o que se espera com essa recomendação. Ao contrário, dizer-lhe que é preciso interromper uma ação dirigida a um colega quando percebe que ele não está gostando, ensinar a perceber sentimentos ligados às reações das pessoas, orientá-la a buscar em meio a diversas possibilidades aquilo que satisfaz o colega e a ela mesma é fornecer indicações claras que a ajudam a direcionar seu comportamento, sem impor como ela deve agir. (BORGES; MARTURANO, 2012, p.88).

Uma das razões da indisciplina e das confusões geradas em sala, observadas durante o decorrer dos encontros foi o desrespeito das crianças com os próprios colegas, as brincadeiras de mau gosto, os apelidos constrangedores e o preconceito. Essas constatações refletem a sociedade de hoje que contribui para a manutenção de um comportamento voltado para a depreciação do próximo, mais conhecido como bullying, e que está presente de forma maciça dentro das escolas não só do país, mas do mundo.

O bullying diferencia-se da agressão comum e ocasional por se caracterizar como uma agressão que é repetida por um período prolongado e contra a mesma vítima. Em geral, existe um desequilíbrio de poder – o agressor é maior, mais forte ou mais velho, ou cerca-se de amigos para intimidar a sua vítima. (BORGES; MARTURANO, 2012, p.19).

Deste modo, as oficinas procuraram uma maneira de trabalhar não só o respeito ao próximo e atitudes solidárias para com este, como também buscou conscientizar as crianças

sobre os males que o bullying causa ao próximo. As soluções buscadas para a resolução de conflitos não se basearam em atos punitivos, mas sim em momentos de reflexão, no qual as crianças eram convidadas a pensar sobre seus atos, e a julga-los bem como, nas possíveis causas de sua irritação e em soluções pacíficas para seus problemas. Esta forma de trabalhar os valores e a resolução de conflitos se baseia na proposição de Borges e Marturano (2012) de que a punição não educa, controla e que, portanto, inibe ações apenas momentaneamente.

Disciplinar mediante a autoconscientização, visando à canalização adequada de energias vitais e emoções, e não por repressão ou imposição. Se os limites disciplinares foram ultrapassados, devem ser objeto de análise e reflexão entre professor, aluno e pais, se necessário, em busca de soluções conjuntas, dando prioridade à criança e suas características. (MARTINELLI, 1999, p. 39).

As respostas aos conflitos ocorridos em sala foram muito mais significativas porque orientaram as crianças a repensarem seus atos e a refazer suas escolhas do que se tivessem havido apenas punições. O ato de pensar antes de agir é muito importante para o controle do comportamento, porém nem sempre isso acontece e por essa razão ocorrem, ainda, muitos conflitos.

Embora as crianças saibam que tipo de comportamento é esperado delas, algumas vezes os conflitos se tornam inevitáveis quando alguma coisa as afeta emocionalmente, de modo que ela fica impossibilitada de pensar em outra coisa que não o fato causador da emoção (Borges e Marturano, 2012). Daí a importância do desenvolvimento da habilidade de controlar as emoções e do papel indispensável de pais e/ou responsáveis e professores nessa caminhada em busca de um equilíbrio emocional em situações de conflito.

A conscientização das emoções leva a um maior conhecimento de si mesmo e a criança torna-se mais responsável, autônoma e segura. Ela “administra” melhor seus relacionamentos e reconhece limites, além de superar estados emocionais negativos e frustrações com mais facilidade. [...] A educação das emoções favorece o juízo de si mesmo, das coisas e das pessoas e é essencial para elevar o grau de sociabilidade e o aprendizado de modo geral. (MARTINELLI, 1999, p.75).

Outro ponto observado como resposta das crianças às oficinas foi a preservação da autoimagem. De todas as crianças que responderam as entrevistas quatro delas estavam se envolvendo constantemente em conflitos e apenas uma, foi honesta a ponto de responder que realmente faz bagunça. A esse respeito, Martinelli (1999), traz que:

As pessoas mentem porque têm medo, sejam elas crianças ou adultos. A auto-imagem é uma construção ilusória protegida por nós por meio de padrões de esquiva e dissimulação. O medo encobre astutamente nossa

verdadeira motivação e intenção e diminui a nossa capacidade de ser honestos com nós mesmos. (1999, p. 131).

Já segundo La Taille (*apud*, SOUZA), desde cedo, quando a criança já tem desenvolvida a percepção de si mesma, ela começa a se ver como objeto do outro e por isso busca cuidar da sua imagem diante dos olhos alheios, ou seja, quando a criança atribui valor positivo a sua imagem, isso se torna uma motivação para o seu pensar e agir. Essa percepção da criança mostra a sua preocupação para com a maneira que é vista pelo outro demonstrando a presença dos valores vinculados a sua definição do “eu”.

O objetivo das oficinas fundamentadas em valores é buscar justamente a conscientização das crianças em relação as suas ações diárias, de maneira que elas possam tomar suas decisões por meio de soluções não agressivas e sim, sensatas. O professor, por sua vez tem se preocupado em conter a criança, fazendo com que ela o obedeça sem se preocupar, se ela entende o que é que se está querendo dela de fato. No entanto, é imprescindível que a criança compreenda o que se quer dela e que entenda o porquê de estar sendo repreendida, evitando consequentemente a formação de futuros adultos que apenas consentem quando se sentem pressionados, mas buscar formar crianças que entendem as relações de causa e consequência de seus atos e agem sabendo o que é certo e errado.

As oficinas de intervenção tinham o objetivo de promover uma melhoria nas relações estabelecidas em sala e conseguiram, não só isso, mas também uma mudança de consciência na cabeça das crianças, que consequentemente perceberam as diferenças que o respeito aos valores provocam e sua enorme importância.

De um modo geral, ao fim dos encontros foi possível notar o menor número de conflitos entre as crianças, elas expandiram sua capacidade de buscar soluções alternativas às situações adversas, demonstraram maior respeito e senso de responsabilidade para com o outro e com suas obrigações e cresceram bastante no que diz respeito à autonomia em relação a formas de pensar e agir. No entanto, ainda que uma maneira geral o trabalho tenha sido bastante positivo, os conflitos sempre existirão e sempre haverá a necessidade de continuidade do trabalho para garantir a sua eficiência.

Durante alguns meses, as práticas foram recorrentes e trabalhadas aos poucos com os alunos, isso proporcionou uma base que foi se consolidando a cada encontro, o que foi essencial para a continuidade das práticas aplicadas e teve um resultado muito agradável dentro das possibilidades de realização, de recursos e de tempo.

Assim, Borges e Marturano concluem:

Afinal, se na sala de aula eu convivo com uma criança várias horas por dia, cinco dias por semana, minha influência sobre ela vai além dos limites do ensino de conteúdos. [...] Desse modo, somos levados a concluir que, como professores de educação infantil ou de ensino fundamental, somos corresponsáveis pela educação integral dos alunos, incluindo a educação para convivência. (2012, p.36).

A escola e o educador não podem se eximir das responsabilidades para com a educação dos estudantes, essas responsabilidades são compartilhadas por diferentes agentes na sociedade e é importante que se complementem em prol do bem comum dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada teve o objetivo de estabelecer uma relação entre valores e educação, promovendo uma maior compreensão da criança, de sua moralidade, dos valores em si e da educação, de forma que esses fatores interligados se constituem como uma ferramenta que tem a possibilidade de contribuir para a manutenção de uma sociedade mais solidária e justa. Pretendeu-se oferecer um suporte quanto ao desenvolvimento de práticas pedagógicas baseadas em valores, bem como propiciar o ensino de habilidades sociais aos sujeitos visando a mudança de suas condutas.

Por meio das oficinas trabalhadas nos encontros foi possível perceber que o trabalho contínuo e que busca a superação do tradicionalismo, envolvendo os indivíduos e tornando-os centro da prática pedagógica, resulta em benefícios tanto para o contexto educacional quanto para o indivíduo em si. A partir do momento em que o sujeito passa a compreender e apreender os valores, significando-os de acordo com suas próprias experiências, ele torna-se capaz de fazer suas próprias escolhas oportunizando ao mesmo, maiores condições de autonomia.

A experiência mostrou, portanto, que é possível trabalhar com as crianças desde pequenas, quando seu senso de moralidade está sendo desenvolvido, os valores e potencializa-los por meio de oficinas e exercícios que permitam à criança a reflexão sobre seus atos e sobre situações de conflito. Além disso, foi notória a relação que as crianças estabelecem entre os valores e o bem estar da sociedade, compreendendo que a ausência de valores poderia ocasionar uma sociedade violenta e desregrada.

Tendo em vista a sociedade de hoje que se configura como cada vez mais individualista e marcada por constantes conflitos que afetam também o contexto educacional e, portanto, a formação das crianças, a presente pesquisa contribui para o crescimento do ser humano como ser social, para a busca de uma melhor convivência entre as pessoas, preocupando-se com a formação das próximas gerações e como o tipo de crianças que se está querendo formar. Essa pesquisa é de grande relevância por propor uma nova maneira de repensar a educação com base nos valores, esta que é o fio condutor das transformações sociais e individuais e favorece o desenvolvimento do conhecimento tanto sujeito em si quanto dos outros.

Durante o trabalho, houve a preocupação de articular aspectos pessoais e coletivos, bem como, de desenvolver o respeito mútuo entre as crianças, respeitando seus espaços, conhecimentos e singularidades. Ainda há muito para ser feito, um trabalho baseado em valores é complexo e exige continuidade para que se possa obter resultados realmente positivos e efetivos.

Durante o processo as crianças cresceram e ampliaram suas possibilidades de lidar com conflitos, assim como obtiveram melhora de comportamento e conseqüentemente estabeleceram entre si relações mais saudáveis, cooperativas e cordiais, ou seja, embora os conflitos sejam inerentes ao processo educacional e as más atitudes e as adversidades ainda se façam presentes, as crianças demonstraram na prática o aprendizado que resultou em uma convivência mais pacífica.

[...] ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 2011, p.25).

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

O curso de Pedagogia da Universidade de Brasília me proporcionou ao longo dos anos um imenso enriquecimento tanto teórico e prático quanto pessoal. Hoje saio da UnB uma pessoa mais madura, centrada, certa de minhas opiniões e convicta de que a educação tem uma função transformadora na sociedade.

Após a conclusão do curso pretendo investir em uma especialização na área de Psicopedagogia, a fim de aperfeiçoar a minha trajetória educativa, como também ingressar no Mestrado em Educação ou Psicologia na UnB buscando uma maior qualificação e aprimoramento da minha prática pedagógica e ampliar meus conhecimentos nessas áreas extensas que são as de educação e psicologia.

Desejo também fazer um intercâmbio cultural, conhecer novas culturas e formas de vida, explorar outras realidades e enfrentar desafios que me proporcionarão amadurecimento e realização pessoal. Quero fazer um curso de libras que é uma área que muito me interessa e estudar outras línguas.

Pretendo ainda assumir minha vaga no concurso da Secretária de Educação do Distrito Federal (SEDF), no qual fui aprovada, nomeada e convocada recentemente e ter a possibilidade de colocar em prática todo conhecimento adquirido durante a graduação, tendo consciência da importância do papel social exercido pelo professor e de sua responsabilidade para com a formação dos educandos.

Eu não poderia estar mais feliz de ter a oportunidade de retribuir à sociedade com aquilo que fui preparada para ser: educadora. Ao fim da graduação e ciente de que lecionar é uma das mais nobres atividades diretamente relacionada a uma das mais nobres profissões, me sinto honrada e lisonjeada por poder exercer a profissão que escolhi para a vida.

O professor representa a pedagogia praticando-a. Com seu trabalho, desenvolve a auto-estima e a autoconfiança em si e nos alunos. Por isso mesmo, a alegria e o estímulo estarão presentes em sua atuação pedagógica. O respeito mútuo nasce do amor, que flui e restaura a dignidade e a nobreza de pensamentos e atitudes (MARTINELLI, 1999, p.36).

A graduação foi uma das experiências mais marcantes e desafiadoras da minha vida, daqui pra frente almejo passos cada vez mais largos, quero continuar estudando, buscando novos caminhos, estabelecendo novas metas para um dia poder olhar pra trás e ter orgulho de

todo caminho trilhado. A pedagogia pra mim já foi um sonho e hoje ela se concretiza na minha caminhada se tornando realidade.

REFERÊNCIAS:

- BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 568 p. Tradução de: Cristina Monteiro.
- BORGES, Dâmaris Simon Camelo; MARTURANO, Edna Maria. **Alfabetização em valores humanos: Um método para o ensino de habilidades sociais** São Paulo: Summus Editorial, 2012. 204 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126 p.
- DELGADO, Gabriela Neves. **O trabalho enquanto suporte de valor**. 2006. Disponível em: <<file:///c:/users/carvalho/downloads/7-11-1-sm.pdf>> Acesso em: 20 maio 2014.
- DESSEN, M. A. & POLONIA, A.C. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>> Acesso em: 13 dezembro 2013.
- DIAS, Adelaide Alves. **Educação moral e autonomia na educação infantil: o que pensam os professores**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000300011&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 10 dezembro 2013.
- FAGUNDES, Márcia Botelho. **Aprendendo valores éticos**. 7. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 112 p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2011.
- GARCÍA, Xus Martín; PUIG, Josep Maria. **As sete competências básicas para educar em valores**. São Paulo: Summus Editorial, 2010. 182 p. Tradução: Oscar Currus.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010. 200 p.
- GOERGEN, Pedro. **Educação e valores no mundo contemporâneo**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a13.pdf>> Acesso em: 14 dezembro 2013.
- GOUVEIA, Valdiney V. et al. **A estrutura e o conteúdo universais dos valores humanos: análise fatorial confirmatória da tipologia de Schwartz**. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v6n2/7268.pdf>> Acesso em: 12 junho 2014.
- HANK, Vera Lucia Costa. **O espaço físico e sua relação no desenvolvimento e aprendizagem da criança**. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/o-espaco-fisico-sua-relacao-no-desenvolvimento-aprendizagem-.htm>> Acesso em: 17 julho 2013.
- MARTINELLI, Marilu. **Conversando sobre a Educação em Valores Humanos**. 2. ed. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1999. 137 p.

MATHEUS, Carlos. **Max Scheler e a gênese axiológica do conhecimento**. 2002. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/margem/pdf/m16cm.pdf>> Acesso em: 20 maio 2014.

MENIN, Maria Suzana de S. **Valores na escola**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100006&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 14 dezembro 2013.

MOURA, Margarida Custódio. **Organização do espaço**: contribuições para uma educação de qualidade. Dissertação UNB. Brasília, 2009 (está na íntegra online).

RIOS. Terezinha Azerêdo. **Ética e Competência**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 128 p.

SOUSA, Maria de Fátima Guerra de. **Educação Infantil**: os desafios da qualidade na diversidade. Disponível em: <http://www.4shared.com/office/y0vAhTs8/Maria_de_Fatima_Sousa_-_QUALID.html> Acesso em: 10 novembro 2013.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan de. **Escola e construção de valores**: desafios à formação do aluno e do professor. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 227 p.

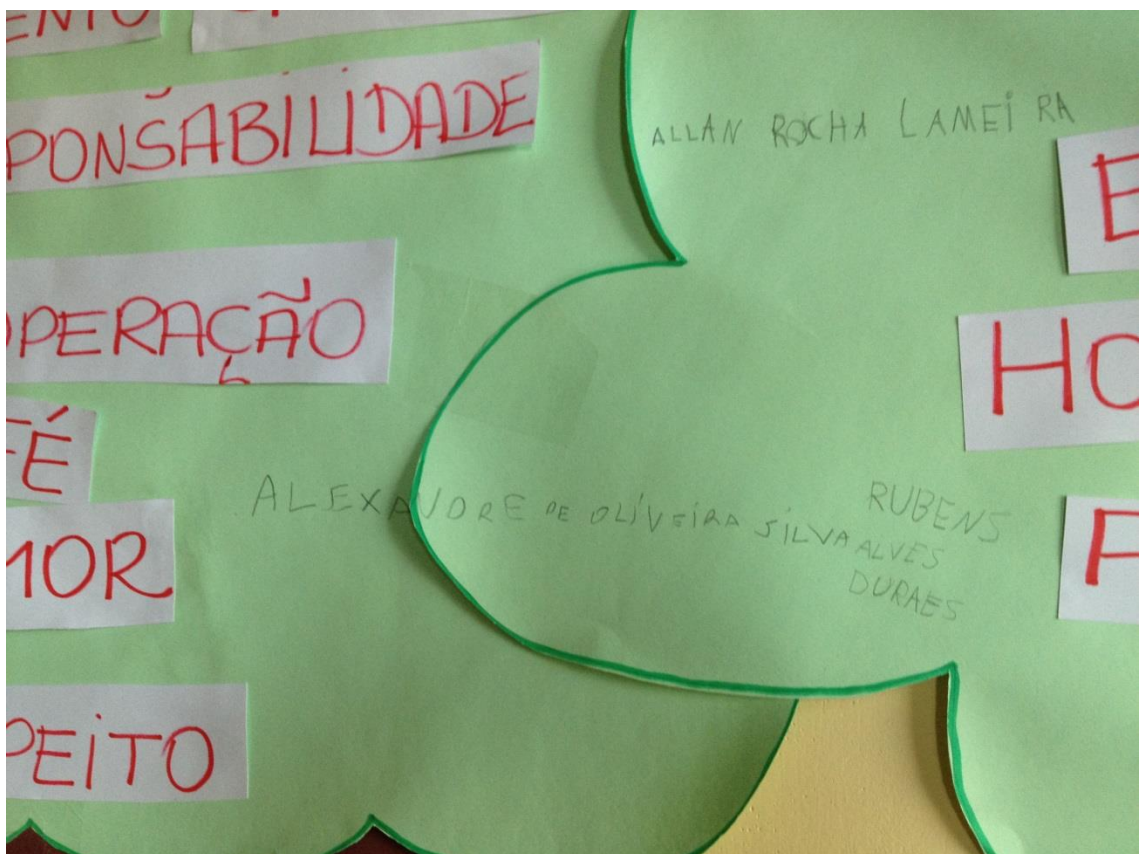
TERENCE, Ana Cláudia Fernandes; FILHO, Edmundo Escrivão. **Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais**. 2006. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2006_tr540368_8017.pdf> Acesso em: 02 junho 2014.

VALENTE, Maria Odete. **A educação para os valores**. Disponível em: <http://miescuelayelmundo.org/IMG/pdf/educacao_valores.pdf> Acesso em: 15 dezembro 2013.

VIEIRA, Sofia Lerche; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **Política Educacional no Brasil**: introdução histórica. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2011. 216 p.

ZECHI, J. A. M. & MENIN, M. S. S. **A educação em valores nas escolas e suas relações com os projetos de combate à violência**. Disponível em: <<http://www2.unimep.br/endipe/3396b.pdf>> Acesso em: 14 dezembro 2013.

ANEXO A – Árvore dos Valores



ANEXO B – Atividades Copa do Mundo, Melhorias na Escola e Natureza

